

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Sonia Regina Alves Carrara

No limite da dor:
o vislumbre do paciente-limite no âmbito da metapsicologia freudiana

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Sonia Regina Alves Carrara

No limite da dor:

o vislumbre do paciente-limite no âmbito da metapsicologia freudiana

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto.

São Paulo
2013

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Agradeço meu orientador, Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto pelo apoio científico e discussões, cuidado e paciência, junto às incertezas do tema escolhido.

Ao Dr. Daniel Delouya, pela orientação, colaboração e *direcionamento*, junto à difícil tarefa de compreender os textos freudianos iniciais.

À Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra, pelas produtivas discussões ao longo do processo.

Ao meu analista Orlando Hardt Jr, por me acolher e acompanhar por toda essa jornada.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

Aos meus pais, pelo apoio e crença em minhas capacidades.

Aos amigos, pela compreensão da ausência, e dos incontáveis momentos de distração tão valiosos para minha sanidade.

À Vera, Andréa, Carol, e colegas de percurso, pelas leituras e incentivos ao andamento do trabalho.

Às minhas filhas e genros, pela paciência com as indisponibilidades e apoio para as horas de desânimo.

Ao meu marido, por tudo, tudo mesmo...

RESUMO

O diagnóstico clínico de um paciente-limite é um conceito relativamente novo, ainda não conhecido ou definido na época em que Freud trabalhava no seu famoso *Projeto*, em 1895, criando a Metapsicologia. Nesta dissertação, analisa-se resumidamente o modelo do aparelho psíquico proposto por Freud no *Projeto*, e demonstra-se que o mesmo já incluía as bases conceituais que podem servir para a explicação do funcionamento psíquico daqueles que hoje são chamados de *paciente-limite*. O modelo desenvolvido no *Projeto*, apesar de não descrever com precisão o aparelho neuronal modernamente conhecido, certamente serviu a Freud como base para muitas de suas conclusões e desenvolvimentos posteriores na criação da Psicanálise.

Palavras chave: Psicanálise, Paciente-limite, Dor

ABSTRACT

The clinical diagnosis of a borderline case is a relatively new concept. It was not yet defined or known at the time Freud was working on his famous 1895 *Project*, creating the Metapsychology. In this dissertation, we analyze briefly the model of the psychic apparatus proposed by Freud in the *Project*, and demonstrate that it already included the conceptual bases that can be used to explain the psychic workings of those nowadays called borderline cases. The model developed in the *Project*, does not correctly describe the neurological apparatus known to modern science. However, it certainly served Freud well as a basis for many of his conclusions and developments leading to the creation of Psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis, Borderline cases, Pain

SUMÁRIO

Introdução	1
1. <i>Projeto</i>	8
1.1 Aparelho Psíquico	9
1.2 Experiências de Dor e de Satisfação	25
1.3 Aquisição da Linguagem	41
2. Discussão sobre o <i>Projeto</i>	46
2.1 Explicação Mecanicista	48
2.2 Caos e Organização	53
3. O paciente-limite	61
4. Considerações Finais	66
Bibliografia	70

INTRODUÇÃO

Considere-se a seguinte situação: ao fundo de um longo corredor há um quadro com uma imagem pouco discriminada pela distância em que o observador se encontra. O que se pode descrever de tudo o que se percebe é que há um quadro de certas dimensões, aproximadas, com uma imagem não bem definida, com cores que são claras, embora pouco discerníveis em seus contornos. Ao se aproximar a uma distância de poucos metros, o observador pode identificar melhor o quadro, conseguir definir todas as suas cores e seus contornos, descrever seu conteúdo, apreciando talvez a técnica envolvida na feitura e, talvez até, como ela se inscreve nele afetivamente. Ao se aproximar ainda mais, ele pode observar a técnica de forma bem detalhada, mas, agora, a distinção das cores talvez se faça menor, pelo menos em seus encontros, pois os contornos não se mostram mais tão claros e, tão mais próximo ele chegue, menos ainda consegue perceber os limites dos traços, suas continuidades, etc.

Pode-se considerar esta uma forma de compreender a abordagem psicanalítica freudiana, quando alguém se aproxima cada vez mais do seu objeto de estudo: aparece a dificuldade, cada vez maior, de estabelecer os seus diferenciais e limites. Talvez o que se pode concluir é que, à distância, o objeto não está claro para o observador, que o vê de forma ainda indistinta; mas na proximidade, a falta de clareza não está na observação daquele que o analisa, mas no próprio objeto, que de muito perto mostra-se em todas as suas cores e indistincões.

Freud encontra na loucura uma sistemática, uma visão a partir de um olhar muito específico, que o permite definir as cores e o desenho correspondente a cada cor. A neurose é a cor de base que melhor se observa a partir do olhar freudiano. Mas a partir desta cor, outras foram se distinguindo, tonalidades que permitiram discernir o conteúdo de todo o quadro que tanto atraiu a atenção de Freud. Se hoje há um novo modelo de psiquismo que fortemente tonaliza os consultórios, que é o de não-neurose, e se se pode dizer que o olhar que se tem, a partir de todo o conhecimento adquirido, está mais apurado para observar estas novas nuances psíquicas, por outro lado, a distinção dessas diversas tonalidades não é tão facilmente discernível, nem mesmo para um olhar experiente. Assim, numa primeira leitura, talvez se possa dizer que a histeria, modelo paradigmático da psicanálise em seus primórdios, serviu como um olhar de conjunto, à distância, para definir o contexto do quadro em pauta. Olhando de perto, entretanto, os contornos não se fazem tão claros e é preciso entender o conjunto novamente, com toda a sua constituição, para melhor apreender o psiquismo, que não se constitui como apenas uma neurose básica, com angústia de perda e complexo de Édipo a ser dissolvido.

É fato que se observa muito mais casos limítrofes hoje nos consultórios. Poder-se-ia dizer que o homem de hoje é diferente daquele do século passado; mas é muito provável que as diferenças culturais às quais ele tenta se adaptar não sejam suficientes para justificar, sozinhas, este fato. Na verdade, as mudanças na estrutura social, em si, embora dignas de afetar o processo de organização psíquica, não modificaram o funcionamento humano, apenas o colocaram em posição mais frágil, mais susceptível à desorganização.

É a partir desse preceito que este trabalho se ocupa. Retornar aos textos iniciais de Freud torna possível uma revisão do funcionamento psíquico, conferindo, através de observação escrupulosa, as formações consequentes das condições que se bem observam no mundo atual.

Em conferência realizada no ano de 1986 no Rio de Janeiro, André Green falou sobre a Metapsicologia dos Limites, a partir da seguinte introdução: “Se me perguntassem na condição de convidado que vem de longe para lhes falar, o que há de novo em psicanálise, eu lhes responderia: Freud. Nada de paradoxal para mim nesta resposta.” (Green, 1990, pg.11)

Embora a passagem do tempo tenha se dado, os escritos de Freud permanecem tremendamente atuais, e é esta leitura de Freud que se pretende realizar neste trabalho. Propõe-se rever textos tão antigos como o *Projeto de uma Psicologia*, escrito em 1895¹, assim como outros posteriores, que reforçam os conteúdos indicados neste trabalho. Pretende-se realizar uma leitura que venha rever a questão dos limites, dos contornos e parâmetros de um funcionamento que não admite definições claras, apesar de todo o esforço de descrevê-lo dentro do paradigma científico da época.

Freud, certamente, concebia a dificuldade de estabelecer tal clareza nos contornos definidos na teoria, manifestando sua preocupação quanto à delimitação das instâncias psíquicas numa passagem das *Novas Conferências* (1932), ao se referir às instâncias da personalidade:

¹ Todas as referências ao *Projeto de uma psicologia* (1895) serão abreviadas como *Projeto*. A versão utilizada será a tradução realizada por Osmyr Faria Gabbi Jr., impressa em 1995.

Ao pensar nessa divisão da personalidade em um ego, um superego e um id, naturalmente, os senhores não terão imaginado fronteiras nítidas como as fronteiras artificiais delineadas na geografia política. Não podemos fazer justiça às características da mente por esquemas lineares como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio de áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam artistas modernos. Depois de termos feito a separação, devemos permitir que novamente se misture, conjuntamente, o que havíamos separado. Os senhores não devem julgar com demasiado rigor uma primeira tentativa de proporcionar uma representação gráfica de algo tão intangível como os processos psíquicos. É altamente provável que o desenvolvimento dessas divisões esteja sujeito a grandes variações em diferentes indivíduos; é possível que, no decurso do funcionamento real, elas possam mudar e passar por uma fase temporária de involução. (Freud, 1932, pg. 101)

Green sugere que a questão do limite se estende a toda a teoria, não só como uma imagem específica, mas como necessidade teórica. Ele fala da pulsão como conceito-limite, conceito que está no “limite do conceitualizável” (1990, p. 16) por se tratar de algo na fronteira. Estende-se ao apontar outros aspectos do limite na psicanálise, como na histeria de conversão, quando Freud identifica que algo parte para o somático por não poder ser simbolizado dentro da esfera psíquica. Green menciona a repressão nos escritos da *Metapsicologia*, sobre as censuras entre as instâncias inconsciente, pré-consciente e consciente, que voltam à questão dos limites. E no *Projeto*, quando Freud trabalha os conceitos de facilitação (ou trilhamento); o que pode ser retido ou descarregado; o que pode ser ocupado lateralmente; como se processa quantidade, qualidade, complexidade... lá estão os limites novamente.

E se ampliada a ideia para a prática clínica, os limites são encontrados no *setting*. Seja na definição de horários ou de honorários, seja na questão de

sustentar o espaço dentro e fora da análise. São limites que não se resumem à teoria simplesmente, mas se estendem a todo o trabalho analítico.

Entre os autores modernos que discutiram a questão do limite estão Winnicott, quando fala sobre “*holding*”, e Bion, sobre o “continente”. Para Green, os *casos-limite* ou estruturas-limite podem ser definidos como:

(...) uma espécie de estrutura geral que é indeterminada, mas que pode se voltar tanto para o lado da depressão como para o lado da perversão, da toxicomania, da psicose. Parece que é como se no interior da estrutura psíquica os núcleos psicopáticos, perversos, toxicomaníacos, depressivos, delirantes, travassem uma luta uns contra os outros, para saber qual deles conseguirá apoderar-se da totalidade da estrutura psíquica no interior do “continente”. (Green, 1990, p. 20)

A compreensão de Green da estrutura-limite é da ausência de uma organização estruturada, cuja hierarquia e comunicação entre os diversos núcleos variam de acordo com a relação de objeto transferencial.

Apesar dos casos-limite serem um modelo de organização que partiu de uma estrutura considerada no limite entre a neurose e a psicose, Green considera que este evolui para uma compreensão de haver estabilidade relativa, ganhando *status* de estrutura autônoma. Segundo Green:

A meu ver, nos *casos-limites* não se trata simplesmente do problema dos limites do ego, mas também da desorganização dos limites no interior do aparelho psíquico, isto é, da importância de mecanismos que acarretam tanto esclerose e rigidez entre as diferentes partes do aparelho psíquico e não apenas na relação do ego com o objeto como, também, da permeabilidade excessiva entre o ego, o id e o superego, o que leva a conceber o limite como um conceito suscetível de nos ajudar a compreensão da psicopatologia dos *casos-limites*. (Green, 1990, p.13)

De fato, ele apresenta como exemplo a questão da dupla angústia contraditória, presente nestes pacientes, composta pela angústia de separação e a angústia de intrusão. Pois, nessa estrutura o que está em jogo é o limite entre o ego e o objeto, que se faz ainda mais paradoxal quando se percebe que a angústia de separação ainda pode ser mais forte na presença do objeto, assim como na de intrusão, na ausência dele. Com essa ideia em mente, o autor sugere a indefinição nos limites psíquicos da estrutura em pauta.

Toda esta contextualização dos limites, já (in)definidos por Freud, e alertados por Green, abre ressonância na autora deste trabalho, cujo estudo até aqui esbarra nos limites estabelecidos, e encontra pouca validação para a manutenção dos padrões marcados pela clínica instituída e/ou instruída. Compreender Freud a partir dos conceitos criados nos textos iniciais pode estabelecer uma nova visão das interfaces das estruturas sem a rigidez dos modelos teóricos e sem a fluidez do “achismo” intuitivo.

Embasada, portanto, nos textos de Freud, esta dissertação tem como principal intuito uma análise do texto *Projeto para uma Psicologia* (1895), com a proposta de buscar subsídios para a compreensão da estrutura-limite, embora este seja um conceito atual, extemporâneo à criação da psicanálise. É do entendimento desta autora que o texto inicial de Freud já indica toda uma perspectiva para a descrição do que mais tarde vai se caracterizar como não-neurose, e o objetivo é salientar tais indícios.

Para tanto, inicialmente será feito um resumo dos conceitos presentes no texto do *Projeto*, concernentes à questão em pauta. Em seguida, será realizada uma discussão que pretende relacionar as observações presentes no texto com os

trabalhos posteriores do próprio Freud, indicando o movimento de suas descobertas apoiadas no texto inicial. Mais adiante serão discutidas as noções atuais da estrutura-limite. Por último, as considerações finais tem por intenção justificar o uso do *Projeto de uma Psicologia* como apêndice útil para a compreensão da não-neurose, propiciando uma melhor análise e compreensão do psiquismo para aqueles que pretendem trabalhar com a psicanálise.

1. PROJETO

A proposta do *Projeto de uma Psicologia* (1895) é apresentar o funcionamento psíquico em linguagem descritiva e objetiva. O psiquismo é compreendido em associação com o aparato orgânico numa construção de um modelo neurológico-mecanicista, fornecendo “uma psicologia científico-naturalista” (Freud, 1995, p. 9). Apesar disto, o *Projeto* não compõe uma descrição anatomicamente realística, mas sim hipotética e especulativa. A descrição dos processos é feita lançando mão de terminologias científicas de modelos teóricos de outras áreas; estas analogias — sejam mecânicas, termodinâmicas, hidráulicas ou elétricas — refletem uma descrição própria ao autor.

O aparelho psíquico é concebido a partir de uma abordagem quantitativa baseada nos fenômenos patológicos observados na clínica. A investigação clínica evidenciou nos distúrbios do funcionamento neurológico representações superintensas, assim como o processo de defesa contra essas perturbações. Freud adotou a teoria da sedução — a neurose como consequência do abuso sexual da criança por um adulto ou uma criança mais velha — como conceito base do *Projeto*; isto explica a ideia de quantidades de energia associadas à intensidade da experiência sexual da qual a criança não pode escapar nem elaborar. Diante disto, a patologia poderia ser explicada por fortes experiências vividas de forma precoce, permanecendo latentes, até que a repetição parcial das mesmas, num momento posterior, rememore e ganhe significado, gerando o trauma, o sintoma e a neurose. Outra característica importante do *Projeto* é que Freud parte do modelo patológico para chegar ao modelo de funcionamento normal do psiquismo, assim como faz na

criação de toda a teoria psicanalítica. De todo modo, com o delineamento adquirido com a normalidade, Freud, ao retornar seu olhar para o patológico, desenvolve com maior rigor as especificidades do sofrimento psíquico, em especial, do neurótico.

1.1 Aparelho Psíquico

O sistema nervoso descrito por Freud é constituído de neurônios compondo vias de condução em complexas redes que perfazem o tecido neuronal. Cada neurônio é composto de um corpo celular com prolongamentos e um eixo cilíndrico². A composição do tecido nervoso animal e humano não era desconhecida de Freud, que já havia trabalhado com eles em suas pesquisas. E, quando menciona seu intento em “combinar com esta teoria de Q^h o conhecimento sobre os neurônios, tal como é fornecido pela histologia recente” (Freud, 1895, p.11), pode estar inferindo a teoria neuronal que havia sido formulada por Waldeyer apenas quatro anos antes (Garcia-Roza, 1991). De qualquer forma, apesar de sua experiência e as descobertas de sua época emprestarem coerência aos conceitos por ele criados para desenvolver a hipótese do aparelho psíquico, seu *Projeto* tende à recusa do anatômico, gerando uma elaboração metapsicológica.

Os neurônios têm capacidade de retenção de um potencial energético e de condução no sentido de eliminar a quantidade de excitação acumulada, proveniente tanto dos estímulos externos como dos internos ao organismo. Portanto, o funcionamento psíquico é visto como armazenador e condutor de energia. A energia

² Pode-se fazer uma analogia entre os prolongamentos do corpo celular e os dendritos, assim como o eixo cilíndrico e o axônio, na neurologia atual.

é representada como uma quantidade Q^3 . A natureza da quantidade Q não foi definida por Freud, e sua formulação pretende distinguir o movimento do repouso. Através de um modelo mecânico, que se assemelha a um mapa hidrográfico com ramificações e barragens deformáveis (ou semiplásticas), é possível compreender a formação e o funcionamento da memória no aparelho psíquico. Para as demais funcionalidades do aparelho psíquico devem-se acrescentar *mecanismos especiais biológicos*, como Freud os chamou.

Como postulado inicial, Freud estabelece que os sistemas de neurônios têm a tendência a eliminar toda a energia acumulada no aparelho psíquico. O objetivo principal seria eliminar o acúmulo da quantidade Q nos neurônios, provinda da excitação, através de uma descarga, tendendo a zerá-lo, mantendo o organismo em repouso. Assim Freud define um primeiro princípio: o *princípio da inércia*. Ele denomina desta forma a *função primária* do aparelho psíquico, onde toda excitação se destina à descarga imediata da quantidade Q , tendendo para o estado de energia zero.

No princípio de inércia, todo estímulo externo é neutralizado na ação de descarga pela via motora. Esta se baseia no movimento arco-reflexo, que descreve o percurso realizado entre a percepção de um estímulo e a resposta involuntária imediata de descarga da quantidade gerada pela perturbação. Deste modo toda a energia Q é descarregada nos mecanismos musculares eliminando a excitação

³ Ao longo do *Projeto*, Freud, de modo geral, utiliza a letra Q para determinar quantidades externas de estímulo, e Q_{η} para quantidades de nível intercelular. Como não é o escopo deste trabalho fazer uma análise quantitativa, optou-se por não se fazer essa diferenciação na nomenclatura. Assume-se que as quantidades internas tendem ao nível celular, enquanto que as quantidades externas, provindas dos terminais sensórios, tenham nível mais alto, embora não seja passível de determinação.

externa. Há, no entanto, a necessidade de acrescentar à função primária, a participação de outra: a função secundária. Esta, ao contrário da primária, que se refere à descarga, diz respeito à *fuga de estímulo*, a retração do mesmo. É somente graças à ação conjunta entre a busca de descarga, função primária, e da fuga, função secundária, que se pode armazenar a energia, constituindo uma facilitação à descarga. Cria-se assim, inicialmente, o plano básico da vida no estabelecimento do universo endógeno, das urgências vitais. A função secundária acaba somando-se à primária no estabelecimento do repouso.

Além dos estímulos externos, o sistema nervoso recebe também estímulos somáticos, endógenos, gerados pela urgência vital (fome, respiração, sexualidade). Tais estímulos endógenos também geram acúmulo de quantidades Q nos neurônios, num processo mais paulatino que no caso dos estímulos externos, processo este que Freud denominou *somação*.

O aparelho psíquico também vai buscar a eliminação deste acúmulo de quantidades Q causado pelos estímulos endógenos, mas não é possível eliminá-los através da descarga ou da fuga motora, pois suas fontes são internas ao corpo. Será necessária aqui a realização de uma *ação específica*: aplacar a excitação somática, buscando a *satisfação*. O aparelho é assim forçado a abandonar a tendência originária à inércia e passa então a operar com inclinação a reter uma quantidade de energia Q. O sistema nervoso passa a atuar no *princípio da constância*, onde busca manter uma energia Q residual nos neurônios, no nível mais baixo possível que lhe permita a realização da ação específica imposta pelas exigências da vida. “Todos os desempenhos do sistema nervoso devem ser

considerados ou sob o ponto de vista da função primária ou da função secundária imposta pela necessidade da vida” (Freud, 1895, pg.11).

Freud inicia aqui um pensamento que irá, em 1920, culminar na dualidade das pulsões. O sistema que busca repouso e nirvana corresponde ao estado inerte, conceito presente nas bases da teoria da pulsão de morte, proposta mais tarde em *Além do princípio do prazer*. Enquanto que a imposição das exigências vitais representa a força do impulso de vida, que se dispõe a mudar todo o funcionamento psíquico, desviando do completo repouso. Outro aspecto importante a ser considerado é que o conceito de repouso não tem a ver diretamente com a inércia absoluta do não vivente. O repouso se relaciona com a ausência de movimento, que não requer energia para alteração do seu estado, como quando se está dormindo. Isto não impede que haja um funcionamento orgânico normal. O estado de repouso não requer energia psíquica para comandar as ações do indivíduo, os estímulos são expulsos de forma imediata, no modelo ação-reação, ação reflexa de percepção-descarga. A energia necessária para o funcionamento do princípio da constância é aquela mínima residual, acumulada nos neurônios, que será utilizada para dispor nos movimentos requeridos que permitam alterações ao estado presente. Pode se pensar em uma aproximação com a ideia de homeostase, onde o funcionamento no princípio da constância permite ao corpo o retorno ao estado de equilíbrio, dispondo da energia para alcançar a mudança necessária para atingir este estado; isto estaria atualizando o modelo de inércia, que não dispõe de energia residual, pois é baseado na descarga imediata na forma de arco-reflexo.

Tal retenção, necessária para a realização de uma ação específica para satisfazer as exigências vitais, registra uma modificação na rede neuronal, constituindo um patrimônio referente às experiências vividas, a memória.

Pode-se dizer, portanto, que o aparelho psíquico é baseado na aquisição da memória. Ela é constituída a partir de registros permanentes nos neurônios do sistema ψ (como será discutido adiante), pelos quais a condução posterior da quantidade Q irá reabilitar as experiências vivenciadas. Para explicar a capacidade de fluxo e retenção de quantidade Q , Freud apresenta a hipótese da barreira de contato entre os neurônios. A condução se faz na direção dos processos celulares do neurônio (dos prolongamentos do corpo celular para o eixo cilíndrico), e o contato entre os neurônios ocorre através da mediação de uma substância externa (*fremder Masse*). Tal substância externa concebida por Freud tem alguma similaridade, mesmo que seu funcionamento não seja igual, com o que hoje se conhece como neurotransmissores, substâncias químicas responsáveis pelas sinapses entre os neurônios. A hipótese da barreira de contato é vista como necessária para justificar tanto a resistência à descarga imediata, como a diferenciação nas vias de condução⁴. Freud determina que, embora não apresentem distinção em sua natureza constitutiva, os neurônios teriam sido adaptados estruturalmente quanto às funções específicas na execução das ações necessárias ao funcionamento do organismo. Ele define três tipos de neurônios agrupados em sistemas distintos: os neurônios ϕ (phi), via do aporte sensório externo, a parte perceptiva⁵; os neurônios ψ (psi), registro de memória; e os neurônios ω (omega),

⁴ Tais diferenciações, ocasionadas por facilitações (*Banhungen*) serão abordadas mais adiante.

⁵ Freud utiliza o termo *percepção* para os estímulos que chegam ao aporte sensório, no sistema ϕ , ou seja, os estímulos recebidos a partir do aparelho de terminações nervosas como olhos, ouvidos, etc.. Porém, o mesmo termo é utilizado mais tarde para definir a informação reconhecida

como fornecedores das qualidades da experiência. Os neurônios se distinguem em permeáveis (ϕ e ω) e impermeáveis (ψ), quanto a sua capacidade de retenção da carga Q e nível potencial, além do tipo de informação transmitida⁶.

Os neurônios do sistema ϕ , neurônios do aporte sensório, são receptores dos órgãos sensórios, com uma estrutura modificada, cujo objetivo é a adequação à alta intensidade dos estímulos recebidos. Por estarem voltados para a periferia, são ligados ao *aparelho de terminações nervosas*, que recebem estímulos como luz, som, temperatura, etc.. Estes estímulos exógenos chegam com intensidades muito grandes que devem ser reduzidas. Os aparelhos de terminações nervosas têm, portanto, a função de proteção, de amortecimento, fracionando as quantidades exógenas para níveis de quantidades Q menores. Assim, os neurônios do sistema ϕ , por serem ainda excitados por grandes intensidades, justificam a anulação do efeito das barreiras de contato tornando-os permeáveis aos estímulos. Ainda assim, terão a função de reduzir as excitações a níveis toleráveis aos outros sistemas (aproximando, talvez, à intensidade dos estímulos intercelulares). Os neurônios do sistema ϕ , portanto, realizam duas importantes funções: receber os estímulos provindos da realidade, e atenuá-los. Os neurônios ϕ são então permeáveis, imutáveis, não deixando nenhum registro após a excitação exógena, apenas atenuando-a a um nível energético intercelular que o sistema seja apto a suportar. Como essas células não têm capacidade de acúmulo da quantidade Q , parte dessa energia é transferida para o sistema ψ e a outra parte é liberada pela motricidade, em forma de ação. Isto porque diretamente ao sistema ϕ estão ligados os músculos,

conscientemente, no sistema ω . A palavra *percepção* foi substituída por *sensação* onde se fez necessário para evitar confusões

⁶ A descrição dos neurônios será exposta mais adiante.

as glândulas, etc., que são acionados por esta energia, consumindo-a. Assim, apenas uma pequena parte da quantidade Q é transferida para o sistema ψ , ocorrendo a atenuação.

No sistema ψ , cujos neurônios são impermeáveis, os processos são diferentes. Vias de condução são criadas com a passagem da quantidade Q . Estas são facilitaões ou trilhamentos (*Bahnungen*) — caminhos de condução de carga Q — construídos através de uma sequência de neurônios, ou grupos de neurônios, no sistema ψ , graças à existência de barreiras de contato entre tais neurônios. Este tipo de neurônio compõe o sistema mnêmico, que se diferencia do sistema ϕ , aporte sensório. A cada condução da excitação por determinadas vias neuronais ocorrem alterações nas barreiras de contato entre os neurônios ψ , rebaixando seu potencial, o que tenderá a determinar um caminho preferencial de passagem a partir de um novo estímulo. Assim se expressa o conceito de memória neurônica, por onde percorrem as excitações gerando registros mnêmicos permanentes.

Dentro deste sistema de neurônios (ψ) Freud distingue uma parte externa, chamada *pallium* ou manto, contígua ao sistema ϕ , e uma parte interna, nuclear, em contato com os órgãos internos do corpo, dos quais emanam as urgências vitais. Todo estímulo orgânico é presumido chegar à parte nuclear de ψ , enquanto o que é proveniente do exterior, a partir do sistema ϕ , chega ao *pallium* ou manto. É sabido, hoje, que há uma distinção ainda muito mais complexa. Entrementes, através dessa distinção, Freud determina a mediação entre os aportes de fora em relação às exigências internas que criam todo o mundo psíquico.

Aqui é necessário compreender melhor o conceito de facilitaão (trilhamento, ou *Bahnung*). Estímulos externos chocam-se com os aparelhos de terminações

nervosas e são fracionados, chegando aos neurônios ϕ (aporte sensório), nos quais ainda são atenuados, e transferidos para o manto no sistema mnêmico (sistema ψ). Um registro de memória é gerado pela redução das resistências das barreiras de contato ocasionada pelo fluxo da quantidade Q através das barreiras. Ao reduzir o potencial das barreiras, haverá uma tendência à condução através desses neurônios (ou grupos de neurônios) que se tornam assim um caminho facilitado para descarga, um caminho preferencial para um evento futuro. Esses neurônios (ou grupos de neurônios) representam as experiências vividas em suas diversas intensidades, assim como combinações de diferentes experiências. O trilhamento é o caminho (uma sequência de neurônios específica) que a condução de um estímulo de quantidade Q percorre, num evento posterior, ou seja, a constituição deste caminho é função da redução da resistência das barreiras de contato realizada anteriormente.

É possível fazer uma analogia das facilitações com uma picada (ou trilha) no mato. Na primeira vez em que é atravessado, tombou-se ou retirou-se parcialmente a vegetação que impedia a passagem, formando um caminho. Na segunda vez, essa vegetação, ainda não totalmente crescida, estará mais facilitada para a passagem, sendo um caminho preferencial. Talvez alguns pequenos desvios deste caminho sejam feitos para contornar a vegetação, que tende a crescer mais abundantemente, ou por não fazer diferença significativa. À medida que se utiliza essa trilha com maior frequência, a tendência é de pouco se desviar dela, usá-la como via muito bem definida, pois o caminho está evidentemente marcado, sem vegetação, mostrando um caminho de terra, ou seja, facilitado para a passagem. Uma característica observada por Freud é que, no processo de repetição, há facilitações mais intensas (trilhamentos mais profundamente marcados) além de

caminhos alternativos — ampliações na complexidade da rede neuronal, aumentando o número de facilitações, e conseqüentemente, o emaranhamento da rede. Por outro lado, os trilhamentos facilitados não utilizados tenderiam a se atenuar, pois aumentariam as resistências das barreiras de contato gradativamente, causando um esquecimento. Como se, na analogia utilizada, o tempo permitisse que o mato crescesse, não havendo mais diferenciações importantes com exceção da ausência da vegetação mais alta, deixando uma tênue marca do antigo trilhamento.

Freud estipula então um terceiro grupo de neurônios, o sistema que efetua o teste de realidade. O sistema neurônico ω representa uma das partes mais complicadas do *Projeto*, pois ele foi concebido com o propósito de esclarecer a questão da qualidade e da consciência. Sobre a qualidade, Freud atenta para o fato de que esta não se apresenta na natureza, que apenas lida com quantidades. A qualidade é subjetiva, criada relacionando aspectos sensíveis da percepção, assim como o prazer e desprazer com que é afetado o sujeito. Não é possível reduzir a qualidade apenas às quantidades, uma vez que determinam impressões como cor, texturas, temperaturas, que afetam não somente nas intensidades objetivas, como também nas qualidades subjetivas. Logo, o sistema ω faz uma “leitura” do estímulo de forma horizontal, no movimento das intensidades da experiência, em como esta representam algo para o indivíduo, diferentemente dos outros sistemas, que fazem uma “leitura” vertical da experiência, pontual, de pura quantidade. Além disso, o sistema ω , por ser um sistema que trabalha com a consciência, deve ser, forçosamente, permeável, incapaz de reter qualquer quantidade, dado que a consciência precisa ser restituída por completo para lidar com novos estímulos. Segundo Freud o sistema ω faz a leitura dos *comprimentos de onda* das

intensidades de movimento da energia do estímulo, ou seja, utiliza o *período* para a apreensão do estímulo enquanto qualidade, diferenciando-se dos outros sistemas, que fazem apenas as leituras “monótonas”, sem apreender o período. A intensidade percebida do estímulo no sistema da consciência é quase irrisória, pois nele são reconhecidos os comprimentos de onda que produzem sensações conscientes de qualidade. Isto se dá devido aos aparelhos de terminações nervosas, cuja função de crivo filtra os estímulos de certos processos com determinados períodos. Assim, os neurônios do aporte sensório e mnêmicos requerem quantidades pequenas, mas não reconhecem o período, enquanto que o sistema da consciência requer quantidades ínfimas, dotadas de período (ou comprimento de onda). Os neurônios do sistema ω ainda apresentam uma característica de eliminação. Esta eliminação vai para o lado da motilidade, registrando imagens de movimento. Tais imagens de movimento indicam sensações de prazer ou desprazer, que atribuem sinais de qualidade à experiência.

O modelo de constituição do psiquismo construído por Freud toma como princípio o bebê, no momento do primeiro sinal de fome. Os neurônios do aporte sensório (ϕ) apenas recebem os estímulos provindos das excitações exógenas. A fome é um estímulo despertado no interior do organismo, transmitido ao núcleo do sistema ψ , que não passa pelo aporte sensório (ϕ), e requer uma ação específica além da reflexa muscular: é preciso uma mudança na realidade para que haja o alimento necessário. O bebê, através da descarga imediata da excitação, característica da função primária, inicia a agitação muscular, ou o choro. No entanto, esta ação reflexa não traz a satisfação da necessidade do bebê e, portanto, não neutraliza a fonte dos estímulos endógenos, ou seja, a fome não é eliminada. É importante salientar que o aumento de excitação Q é identificado como desprazer e

a diminuição da excitação, como prazer. Desta forma, cada estímulo seria em si um acréscimo de desprazer, exigindo a descarga da quantidade Q , sendo esta descarga em satisfação, prazerosa. A fome, portanto, causa desprazer e saciá-la causa prazer.

A ação necessária para que o estímulo seja retirado é realizada pela mãe (cuidador), ao alimentar o bebê. O fato de a resposta materna ter ocorrido, oriunda da atenção despertada pelo bebê, registra um evento de memória, no sistema ψ , que é composto pela satisfação da fome e o contato com o objeto (mãe), eliminando o estímulo causador de desprazer. Está assim marcada a primeira experiência de satisfação. Além disso, aqui foi também inserido o conceito essencial da comunicação realizada entre mãe e bebê.

Num próximo episódio de fome, o bebê tem todo o processo psíquico realizado novamente: são excitados os neurônios mnêmicos do núcleo em ψ com o estímulo endógeno da fome e a descarga imediata é realizada, via muscular, com choro e agitação. As imagens mnêmicas associadas àquele trilhamento criado pela primeira experiência de fome/satisfação são, agora, lembradas com a ocorrência de descarga imediata da quantidade Q , que neste evento posterior acontece por esta sequência de neurônios, anteriormente facilitada. A lembrança traz imagens da primeira sensação de satisfação, mas a percepção de prazer da satisfação real não ocorre. Isso quer dizer que a saciação é alucinada; a fome não é aplacada. Aqui está a justificativa para a quantidade residual de energia Q (retida no evento anterior) necessária para executar a ação específica, além da energia decorrente da quantidade provinda do estímulo, descarregada via muscular. Como anteriormente descrito, o sistema de neurônios mnêmicos são capazes de armazenamento de

carga energética suficiente para responder às necessidades vitais. O armazenamento de carga necessária para a ação específica é o que Freud denomina de ocupação (investimento, catexia, *Besetzung*).

É importante não confundir a facilitação (trilhamento ou *Bahnung*) com o investimento (ocupação ou *Besetzung*). A *Bahnung* é promovida pela condução priorizada por uma sequência neurônica, constituída por um trilhamento facilitado, devido à diminuição da resistência das barreiras de contato entre estes neurônios, marcando um registro mnêmico associado a uma imagem do evento vivido no momento. Por outro lado, *Bahnung* é, ao mesmo tempo, um resultado e a razão de ser da descarga. Resultado porque é causada por ela: na ocorrência da primeira descarga a gravação mnêmica é realizada, e posteriores descargas realçam mais este registro. Razão de ser porque é por este caminho facilitado que ocorrerão futuras descargas: o objetivo do trilhamento é realizar a função primária do aparelho psíquico, a descarga imediata da quantidade Q . O que impede a descarga total é a retenção de uma quantidade Q residual necessária para a realização da ação específica, justificada pela necessidade vital. Qualquer investimento, ocupação (*Besetzung*) de um neurônio por certa quantidade Q , é possibilitado justamente pela existência das barreiras. A imagem de uma barragem num canal hídrico serve bem como exemplo para entender este conceito, no impedimento do escoamento do canal. Um neurônio é ocupado quando é carregado pela quantidade Q , proveniente do sistema ϕ ou do interior do organismo, desde os dendritos até as terminações do cilindro axial. Todo o neurônio, dendritos, corpo celular, axônio e suas terminações, retém quantidade Q no mesmo nível, o que determina a ocupação do neurônio ψ .

Portanto, o termo *trilhamento* funciona melhor como tradução de *Bahnung* para o português; enquanto que o termo *facilitação*, que significa ato ou efeito de facilitar, reduzir resistências, serve melhor para representar o quão mais fácil é a condução da quantidade Q através de um dado caminho. A facilitação inclui o efeito da redução das barreiras de contato entre os neurônios que formam este caminho (*Bahnung*) combinado com a ocupação (*Besetzung*) de neurônios contíguos ao longo desta trilha.

Outra justificativa para a quantidade acumulada nos neurônios ψ (*Besetzung*) é a dependência característica da cria humana e a necessidade crescente de autonomia ao longo do desenvolvimento. Se as necessidades fossem todas supridas pela ação específica provinda do exterior, sem a devida participação do ser em questão, não seria necessária a *Besetzung*, pois uma ação reflexa de fuga do estímulo bastaria. Para o recebimento do alimento, o bebê necessita sair do estado de repouso para sugar. A sucção inicial tem uma parcela da função puramente instintiva, reflexa, que evolui a partir das primeiras experiências de satisfação, justificando a marca mnêmica associada à amamentação e o consequente cancelamento dos estímulos endógenos da fome naquele momento. Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, esta evolução leva, em última análise, à sua capacidade de buscar o próprio alimento.

O sistema ω , sistema da consciência, tem duas funções: identificar a realidade e a qualidade da experiência. Quando o sistema mnêmico é estimulado pela fome, em um primeiro momento mítico, sua reação desperta na mãe o cuidado que traz uma saciação através do leite oferecido por ela. O trilhamento facilitado está criado. Num evento subsequente, o bebê tem os neurônios correspondentes

estimulados, provocando a descarga imediata (princípio da inércia) e o processo é relembrado: choro, esperneio e satisfação. A descarga antecipada provoca a alucinação (lembança), independente da sensação da satisfação, que se não ocorrer, causa frustração. O sistema ω , a consciência, tem aqui sua justificativa. Este sistema proporciona, assim, o que Freud denomina de signo de realidade.

Também é função do sistema ω reconhecer a presença da qualidade. Portanto, é importante não confundir o signo de realidade, a presença da mãe e da alimentação, com o signo de qualidade, que pode ser uma qualidade alucinada, vindo de dentro a partir de um trilhamento rememorado da experiência.

O sistema da consciência apenas permite a descarga da quantidade Q através dos neurônios ψ quando a informação da realidade de satisfação for obtida. Para este procedimento, o sistema ω estabelece um *mecanismo especial* que articula o sistema ψ e o sistema ϕ , ou seja, a memória da representação (satisfação da fome) e a percepção da representação (consciência). Esse mecanismo utiliza a eliminação da excitação do sistema ω , que foi carregado com a percepção do prazer (ou desprazer) como informação, signo de qualidade e de realidade, para o sistema ψ . Se a satisfação ainda não ocorreu, não há descarga eliminação do sistema ω no sistema ψ , quer dizer, não há sinal de realidade no sistema ω , o que inibe a descarga do sistema ψ , pois a situação é ainda vivida como desprazerosa. Uma vez que a realidade da satisfação ocorra, o sinal emitido pela eliminação no sistema ω é fornecido para o sistema ψ , autorizando a descarga do sistema mnêmico, registrando o prazer obtido, a qualidade. O sinal que os neurônios ω emitem é de uma quantidade Q muito baixa, apenas o suficiente para a indicação necessária, que é transmitida imediatamente, pois não há acúmulo de quantidade Q .

no neurônio da consciência, que é totalmente permeável, ou seja, não há qualquer gravação de memória. A todo esse processo Freud dá o nome de *atenção psíquica*.

O sistema ω difere dos outros sistemas em duas características principais: pelo fato de operar com períodos — que representam qualidade — enquanto que os sistemas ψ e ϕ lidam com níveis de quantidade; e por ser o único que pode operar conscientemente. Todos os estímulos recebidos pelos neurônios variam na magnitude e no tempo, e cada sistema vai receber e trabalhar com o atributo correspondente à sua própria característica. Isto quer dizer que um estímulo que aumenta subitamente será sentido em quantidades por ϕ , que transfere para sequências de neurônios ψ , onde quantidades serão retidas (*Besetzungen*) e trilhamentos (*Bahnungen*) serão formados, chegando ao sistema ω , que apenas se apropriará das variações temporais da quantidade Q , indicando-as como sinais de qualidade e realidade.

Com isso se pode colocar que a consciência humana se dá pela qualidade. Não há percepção consciente sem uma observação subjetiva própria. Na equação realizada pela vivência de um momento, resultado da conjugação da realidade com a qualidade da experiência, são apreendidos elementos singulares, únicos para o indivíduo.

Por isso a consciência se baseia em termos de qualidade, no fato de que consciência não é somente apreensão da realidade, mas uma apreensão do sentido que a realidade tem para cada um. São sentidos próprios, não bastando a constatação do que é real. É reconhecer-se na realidade, sempre comparativamente. Então, a consciência é a compreensão da realidade em seu significado próprio, do sujeito, o que inclui a percepção e a avaliação do fato como

real. Desta forma, são inconscientes os processos no sistema ϕ , em sua função de perceber as sensações, que apenas transfere quantidades de estímulo dos órgãos sensores para o interior do aparelho psíquico, além de repassar também quantidades para os processos musculares, glandulares, etc.. Também são inconscientes os processos no sistema ψ , em sua função de registrar as imagens mnêmicas provindas do exterior e do interior. Com isso pode-se dizer que, no modelo do *Projeto*, o sistema ω é o que vai julgar o que é prazeroso ou desprazeroso para o aparelho psíquico, apresentando a tonalidade específica do humano, por meio da consciência.

Agora, com o conhecimento das partes constituintes do aparelho psíquico, pode-se descrever seu funcionamento. Estímulos externos dão origem a quantidades Q no sistema ϕ , que apenas se apropriará das quantidades recebidas a partir do limiar mínimo de percepção própria até o limite da dor — estímulos inferiores ao seu limiar não serão percebidos. Parte das quantidades Q de estímulo proveniente dos órgãos sensores será transferida para neurônios do manto do sistema ψ , vindo ao encontro dos caminhos traçados desde os neurônios nucleares, enquanto parte será descarregada nos processos musculares, glandulares, etc. A partir de vias endógenas de condução, estímulos como fome ou desejo sexual chegam aos neurônios ψ do núcleo, sem passar pelo sistema ϕ . Tais estímulos são constantes e acrescentam, num processo de somação, pequenas quantidades Q nos neurônios. Apenas a partir de um nível limiar da quantidade Q num neurônio do sistema ψ , ao superar a resistência da barreira de contato, é que haverá condução para um neurônio seguinte do mesmo sistema. A excitação transferida para o sistema ψ tem magnitude intercelular e é distribuída de acordo com as ramificações dos neurônios, em seus diferentes calibres. A partir daí, os neurônios serão

ocupados com quantidades Q , criando enredamentos e quantidades Q menores nos neurônios ψ subsequentes. A condução, ao superar a resistência das barreiras de contato, vai em direção à descarga, formando um trilhamento. Freud atenta para o fato de que as barreiras de contato apresentam uma característica semiplástica, pois retomam parte de sua resistência à condução, após a descarga. No entanto, parte da redução da resistência da barreira de contato se mantém. O registro mnêmico é formado por esta redução que persiste, após a condução da quantidade Q em direção ao neurônio seguinte. O trilhamento ocorre sempre condicionado à redução da resistência da barreira, que permite o escoamento da quantidade Q , e à ocupação do neurônio, facilitando ou não a passagem por um grupo de neurônios. Se a quantidade Q presente num neurônio alfa qualquer do sistema ψ supera as barreiras de contato entre este e outros dois neurônios, beta e gama, ambos contíguos a alfa e a ele subsequentes no sentido da condução, esta se dará mais facilmente para aquele neurônio, dentre beta e gama, que estiver mais ocupado. Assim o enredamento se constrói, nos fatores que favorecem a condução (resistência da barreira de contato e ocupação de cada neurônio).

1.2 Experiências de Dor e de Satisfação

A dor é caracterizada no *Projeto* como uma falha no funcionamento do aparelho psíquico, dadas suas limitações de eficiência biológica. Como descrito anteriormente, os neurônios do sistema do aporte sensório, neurônios ϕ , recebem as quantidades Q de estímulo exógeno, atenuando-as ao nível intercelular, sendo permeáveis e não retraindo nenhuma quantidade de energia Q proveniente do

estímulo nem realizando um registro mnêmico. É no sistema ψ que são registradas as sensações recebidas, como memória. Os neurônios ψ , parcialmente impermeáveis, recebem a quantidade Q (a partir do sistema ϕ , no manto, e de estímulos endógenos, no núcleo) e tendem a reduzir parcialmente suas barreiras de contato com a passagem da quantidade Q , diminuindo a resistência ao fluxo desta, promovendo caminhos facilitados para a descarga de subseqüentes excitações. Quando as quantidades recebidas são muito grandes, há uma falha do sistema em suportar tal excesso, o que torna o funcionamento dos neurônios ψ (sistema mnêmico) semelhante ao dos neurônios ϕ (sistema do aporte sensório), ou seja, alguns neurônios ψ tornam-se completamente permeáveis. Esta intensa excitação, como uma inundação, escoia no sentido da descarga total, deixando atrás de si uma trilha profundamente marcada, eliminando a resistência das barreiras de contato, criando um caminho privilegiado para a condução futura.

Esta é a *experiência de dor*, que é, como se pode observar, avassaladora. Ela registra uma marca mnêmica de forma permanente e profunda, como se fosse um rasgo no tecido neural. Portanto, quando quantidades Q excessivas irrompem no aparelho psíquico, na analogia da picada, seria como se um estouro de boiada atravessasse o mato, marcando um caminho claramente distinto do restante do terreno, de forma a tornar este um trilhamento facilitado inevitável de agora em diante; no aparelho psíquico ele é sentido como dor. Apesar da descarga da quantidade Q excessiva ter ocorrido, não há uma experiência de prazer, pois a energia descarregada não foi utilizada para afastar as fontes externas de excitação, que continuam produzindo o estímulo gerador de quantidade Q , persistindo a sensação de dor.

Por outro lado, a *experiência de satisfação* caracteriza também uma tendência à descarga e uma marca mnêmica importante. A diferença está na intensidade (profundidade) com que as marcas mnêmicas são estabelecidas e nas possibilidades (ou não) de ramificações dos trilhamentos criados nos dois tipos de evento. No caso de uma experiência de satisfação, a descarga das quantidades Q pode promover mais trilhamentos, que seriam correspondentes ao registro de novas imagens mnêmicas, associadas à experiência de satisfação no evento que ora ocorre. Com isso, os trilhamentos facilitados aumentam, criando uma complexa rede de conjuntos de neurônios que representam as imagens memorizadas associadas às experiências de satisfação. Todos os neurônios e grupos de neurônios que fazem parte de um caminho facilitado, por reterem pequenas quantidades Q, são capazes de promover a ação específica que vai neutralizar a fonte de estímulo. Por isso, a descarga ocorrida por este trilhamento causa uma experiência de satisfação, uma experiência prazerosa.

Cabe pensar um detalhe importante. A ação específica, “imposta pela necessidade da vida” (Freud, 1995, p. 11), é impossível de ser realizada pelo organismo incipiente do recém-nascido, que não tem recursos para prover suas próprias carências. Então:

Ela se efetua por *ajuda alheia*, na medida em que, através da eliminação pelo caminho de alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. Esta via de eliminação passa a ter, assim, a função secundária, da mais alta importância, de *comunicação*, e o desamparo inicial do ser humano é a *fonte originária* de todos os *motivos morais*. (Freud, 1995, p. 32, grifos do autor).

O desamparo do bebê, proveniente da carência e do estado de tensão — a consequência psíquica da necessidade e de todo o processo envolvido —, é

manifestado através do grito, que terá efeito no adulto experiente. O cuidador, ao atender a criança, abre um meio de comunicação, dando sentido à descarga e às marcas mnêmicas a ela associadas. Está assim marcado o início da essencial humanização do bebê. O estado de desamparo infantil, por meios reflexos, demanda, de forma não consciente ou voluntária, a atividade necessária da nutrição, colocando novamente o bebê em condição de produzir novas atividades reflexas produzindo a neutralização do estímulo endógeno e a experiência de satisfação.

Tem-se nesta experiência:

- A descarga permanente efetuada, pela eliminação da urgência desprazerosa no sistema ω ;
- Ocupação num neurônio (ou vários) do sistema ψ da sensação percebida do objeto provinda dos neurônios φ ;
- Sinal de descarga no sistema ω e movimento reflexo liberado devido ao atendimento da necessidade.

Freud precisa:

As notícias da eliminação reflexa realizam-se porque todo movimento, através de suas consequências colaterais, dá lugar a novas excitações sensoriais (da pele e dos músculos) que em ψ resultam em uma *imagem de movimento*. (1895, pg.32)

Todo este processo da experiência de satisfação, ao deixar a marca mnêmica da necessidade endógena causadora de desprazer, do objeto provedor e da descarga sentida como prazerosa, estará registrando a saciação e a vinculação

dos três registros (necessidade⁷, objeto e prazer). Na revivência de um estado similar a essa necessidade, a recordação do trilhamento traçará o estado de desejo, representado pelo caminho facilitado percorrido pela condução anteriormente ocorrida. Neste evento posterior, a partir de somação, o estado de desejo será reanimado e, como descrito anteriormente, a percepção será ativada em alucinação, iniciando a ação reflexa e causando, no final, uma frustração. Não se trata aqui apenas da saciação e do prazer da saciação, mas também da complexidade da vivência e da interação com o outro. A partir dessa experiência, haverá um desvio da ação específica, no contato com o outro (pele, músculos, corpo e alma), levando à construção de imagens de movimento de si como patrimônio do ser em nascimento.

No caso da experiência de dor, o trilhamento ocorrido é profundamente marcado, abrindo caminho em direção à descarga, caminho esse mais direto e com pouca possibilidade de enredamentos. A importante característica deste trilhamento é que as barreiras de contanto fazem pouquíssima resistência à condução posterior; elas foram quase que derriçadas, impossibilitando os neurônios de acumular qualquer quantidade Q residual capaz de promover a ação específica necessária para a mudança no ambiente externo. As experiências subsequentes que lembrem a experiência de dor inevitavelmente terão descarregadas as quantidades Q em direção a esse trilhamento, e o aparelho psíquico não terá a capacidade de promover uma neutralização para o estímulo causador de desprazer. Com isso, não haverá possibilidade de desvio da tendência à descarga para outras ramificações, outros caminhos com registros de imagens mnêmicas, que possam fornecer

⁷ Como é possível observar, a necessidade endógena está diretamente associada à pulsão.

alternativas para alteração das condições causadoras do desprazer. Toda experiência similar levará à descarga por esse trilhamento, e ao desprazer continuado. Haverá uma compulsão à repetição do processo diante da dor.

No entanto, algumas experiências posteriores que, mesmo não sendo causadoras de dor, possam lembrar o estímulo hostil, também tenderiam à descarga imediata, pelo trilhamento marcado pela experiência de dor, sem a possibilidade de neutralização do estímulo. Pode-se fazer alusão a este profundo trilhamento como uma “valeta” da qual a quantidade Q dificilmente consegue se esquivar quando a lembrança de uma imagem mnêmica hostil é reativada. Freud observou em seus casos clínicos que, nestas situações, apesar de não haver excesso de quantidade Q irrompendo o aparelho psíquico, há um aumento considerável de energia no sistema ψ . Uma vez que o objeto hostil não está presente, Freud considerou que a quantidade Q excedente deve ser proveniente do interior. Para isso, concebeu a hipótese da existência de células secretoras, neurônios-chave, que ativam a produção endógena de quantidades adicionais de energia (estímulo) no sistema ψ , aumentando a excitação nos neurônios. Isso ocorre a partir da revivência de dor, imagem do objeto hostil rememorada. Assim, torna a ocorrer um processo similar à experiência de dor, que tende à descarga, agora desprazerosa, sem a possibilidade de neutralização da fonte do estímulo.

Embora o conceito de neurônio-chave seja complexo em sua assimilação, além de ter sido mencionado apenas no *Projeto*, sua criação tem o propósito de indicar a tendência inevitável à repetição e a ansiedade causada pelo *afeto*, resíduo da experiência de dor. Assim, esta experiência produz:

- Um aumento da quantidade Q, sentido como desprazer no sistema ω , da consciência;
- A tendência à descarga imediata, devida à inexistência de resistências das barreiras de contato ao longo deste trilhamento (a “valeta” da dor);
- Um novo trilhamento entre a tendência à descarga e a imagem mnêmica do objeto hostil.

O afeto é o resíduo da experiência de dor, que neste momento, no *Projeto*, Freud distingue do *estado de desejo*, este último resultante da experiência de satisfação. O afeto é produzido através de uma liberação imediata, e o estado de desejo, pela somação. Como consequência, do estado de desejo decorre uma tendência a repetir a vivência de satisfação, buscando o objeto de desejo. Por outro lado, a partir da experiência de dor decorre uma tendência à fuga, uma aversão em relação ao objeto hostil, ocasionando o abandono da imagem recordativa da dor evitando a ocupação. Este é o processo de *repressão*, ou *defesa primária*, ocasionado pela vivência primeva de dor que teve, provavelmente, um fim através da defesa reflexa. A repetição do processo de fuga e descarga a partir da rememoração do objeto hostil ocorre pelo surgimento de um outro objeto, relacionado com o cessar da experiência de dor. O surgimento deste objeto substitutivo do objeto hostil é “instruído biologicamente” a partir do aprendizado com a defesa reflexa. Ambos os estados deixam marcas de tendência compulsiva. Freud denomina essas experiências como *atração de desejo primária*, que busca ocupar a imagem mnêmica do objeto positivamente, e *defesa primária*, que busca repelir a imagem mnêmica do objeto hostil.

Destarte, pode-se supor uma organização propensa a alterar o curso da condução de quantidades Q das primeiras experiências (seguidas de dor e de saciação). O *Eu* corresponderia a este enredamento neurônico (do sistema ψ), permanentemente ocupado com uma quantidade Q mínima (princípio da constância) e passível de ser carregado com uma quantidade Q variável, com fins de promover a ação específica através da condução por esses neurônios facilitados. Portanto o *Eu* seria encarregado de descarregar as quantidades Q acumuladas, visando a satisfação, assim como inibir as vivências de dor e desprazer. O *Eu* é, então, instituído pela contenção, ou seja, pelas inevitáveis experiências de dor e depois com a instrução de identificar os polos de atração para a satisfação.

O curso da condução da quantidade Q se estabelece ao longo de uma sequência de neurônios de acordo com os trilhamentos (*Bahnungen*) e as ocupações (*Besetzungen*). Assim como uma barreira de contato pode resistir à condução, encerrando o caminho de um neurônio alfa até um neurônio beta, por exemplo, um neurônio gama muito ocupado, contíguo a alfa e em linha paralela com o beta, pode se tornar um caminho temporariamente facilitado para a continuidade da condução, alterando o curso anteriormente traçado. Esta é a *inibição*, que é feita através de *ocupação lateral*. A influência da ocupação lateral pode inicialmente dividir a quantidade Q proveniente do neurônio anterior com o neurônio beta, e até, eventualmente, inibir totalmente a condução através deste neurônio (beta). Esta inibição é de grande valia no caso de uma imagem mnêmica hostil (neurônio alfa) ligada a um neurônio-chave (neste caso, o neurônio beta), resultado da experiência de dor. A tendência seria de uma descarga da quantidade Q pelo neurônio secretor (beta) que resultaria em um afeto devido à liberação de desprazer. Esta descarga seria danosa, além de desnecessária, uma vez que o evento estaria apenas

relembrando a experiência de dor, e não repetindo, ocasionando um dispêndio excessivo. Mas se um neurônio gama estiver ocupado (ocupação lateral), obtendo uma parte da condução da quantidade Q (ou toda), haveria uma inibição de parte da liberação (ou toda) através do neurônio-chave (beta), evitando o afeto desprazeroso devido à imagem hostil. Este seria o papel da *repressão*, como uma defesa primária, que Freud sustenta que será tanto mais forte, quanto mais forte for o desprazer. Assim, ao Eu será necessário a *atenção*, função esta que permitirá que as ocupações do objeto hostil possam ter seu caminho desviado dos neurônios secretores para uma ocupação abundante lateral, ou seja, para a realização da inibição. Para que haja atenção é preciso conceber a existência de um *Eu* organizado, mesmo que incipiente. Vale lembrar, as ocupações laterais são vias alternativas criadas outrora, diante de outras experiências, que permitem a realização desse processo. Outra necessidade de inibição seria o caso da descarga das quantidades Q no momento da recordação do objeto, quando este apenas foi alucinado. Se não houver uma satisfação real, a recordação ocasionará uma descarga, ainda que o desprazer não cesse. Isto porque o aparelho psíquico não pode ainda diferenciar a sensação percebida da representação, vinda do exterior, mas que não é medida em termos de quantidades, e sim em qualidade, satisfação. Há aí uma necessidade de evitar o sofrimento de desamparo e de dano. O último poderia ser causado pela reocupação da imagem hostil, seguida de liberação de desprazer. Neste caso, não só ocorreria o afeto desprazeroso, como uma defesa primária excessiva.

Freud indica que é o signo de realidade fornecido pelos neurônios ω que permite a diferenciação entre a percepção externa e a recordação em ψ . A

percepção⁸ em ω é observada a partir da variação temporal da quantidade Q , ou seja, qualidade, como um sinal, ou notícia, em ψ . Somente quando os neurônios ψ recebem a notícia da descarga da excitação — a informação da realidade — é que permitem a descarga efetiva. Apesar disto, pode haver a condição em que o sistema ψ esteja altamente ocupado, gerando um sinal em ω que é confundido com o sinal de realidade, levando à descarga e à consequente condição de frustração. Para evitar esta situação, o *Eu* aprende a não ocupar intensamente a imagem mnêmica de desejo, através de ocupações laterais. Isso possibilita a obtenção do signo de realidade oriundo apenas do exterior, evitando a ambiguidade de informações. O *Eu* está assim organizado de forma a distinguir o mundo externo do interno, representações no manto e no núcleo, apreendidos a partir da experiência com o outro.

Desta forma, serão necessários a inibição e o sinal de realidade, para que haja a diferenciação entre a percepção e a recordação. Se o *Eu* estiver em estado de desejo e houver um signo de realidade, haverá uma descarga na direção da ação específica; se houver um aumento de desprazer, junto ao signo de realidade, o sistema ψ se encarregará de realizar ocupações laterais adequadas para produzir desvios, em função da defesa de ocupações sinalizadoras de dor; e se não houver um signo de realidade, nem um estado de desejo, as ocupações prosseguirão seu curso normal, de acordo com os trilhamentos facilitados.

O que se produz, a partir da ocupação do desejo, da alucinação e do desprazer obtido, além do gasto da defesa primária, é designado como *processo*

⁸ Como já mencionado antes, o sistema ω apenas recebe informações de alterações temporais (períodos) de quantidades, e não a quantidade Q que é recebida por ψ .

primário. Já o processo obtido pela ocupação do Eu pelo enredamento lateral é designado como o *processo secundário*.

É importante distinguir a noção que Freud dá à *função* primária e secundária da noção de *processo* primário e secundário. A passagem da *função* primária para a secundária corresponde à evolução da pura descarga para a retenção utilizada na fuga do estímulo, mantendo-se no princípio de inércia, em última instância. No princípio da inércia o psiquismo descarrega toda a quantidade Q , não sendo possível fugir dos estímulos endógenos, enquanto que com a função secundária há possibilidade da manutenção de alguma quantidade Q nos neurônios, pequena, mas suficiente para a fuga do estímulo. Já, no segundo caso, Freud designa o processo onde o psiquismo registra a noção do perigo da dor, consideração do ser à realidade, ou seja, o *processo* secundário permite que o aparelho psíquico lide com sua própria realidade, envolvendo-se com suas necessidades vitais.

Considerando o caso em que a sensação e a ocupação — a imagem recordativa do desejo — estão presentes e o signo de realidade é dado, a eliminação da quantidade Q ocorre de forma adequada, levando à satisfação. Mas, se a ocupação de desejo está presente, e a percepção no sistema ω se assemelha apenas parcialmente com o objeto, ou seja, não há completa identidade entre a imagem mnêmica e o objeto, Freud indica que “a experiência biológica também ensinará aqui que é inseguro iniciar a eliminação enquanto os signos de realidade não concordarem com a totalidade do complexo, mas só com uma parte.” (Freud, 1895, p. 41) Neste caso, é preciso lembrar que uma imagem mnêmica é sempre composta de um complexo de neurônios, e que uma coincidência completa entre a imagem mnêmica e a imagem percebida é altamente improvável. Portanto, a

ocupação de desejo poderia ser composta, por exemplo, do neurônio *a* e o neurônio *b*, enquanto que a ocupação da percepção seria composta do neurônio *a* e do neurônio *c*; pode-se depreender que haverá pelo menos uma parcela idêntica e outra distinta. Freud identifica a parcela mnêmica semelhante como a *coisa* (*das Ding*), e a parte que difere, o atributo ou a atividade, como *predicado*. Buscar esta decomposição em *coisa* e *predicado* e a comparação com a imagem mnêmica de desejo é denominado de *juízo*.

A função do *juízo* ocorre a partir de uma inibição, pois apenas assumindo a dessemelhança entre a memória e a percepção e evitando a descarga precipitada é que se pode buscar uma coincidência e, assim, realizar a descarga no momento apropriado de forma prazerosa. O trabalho de busca da parcela semelhante com o propósito da descarga é a função do *pensamento*.

A realização desse processo de *pensamento* se faz da seguinte maneira: uma vez que o neurônio *a* coincide e o neurônio *c* é percebido no lugar do neurônio *b*, haverá uma tentativa de percorrer as ligações facilitadas deste neurônio *c* até o encontro com o neurônio *b*. Um movimento, da cabeça ou dos olhos, pelo sujeito, pode ser necessário para que se encontre a imagem mnêmica composta; com isto ocorre a identificação. O novo trilhamento facilitado passará, portanto, entre o neurônio *a*, *c* e *b*. Freud denomina este processo de pensar *reprodutivo*, cujo caminho tende à reprodução da imagem mnêmica com conteúdos semelhantes à imagem de desejo.

Todo o objetivo de buscar a imagem mnêmica, como se produziu inicialmente na experiência de satisfação, considerada a meta, tenderia a deslocamentos entre o novo trilhamento e o já facilitado, de ocupação lateral, que contém a decomposição

da imagem perceptiva diferente; o trilhamento entre a imagem percebida e a imagem mnêmica, ou seja, a parte decomposta da imagem mnêmica de desejo e da imagem perceptiva leva à identidade, e permite a descarga pela migração neste trilhamento, agora mais facilitado.

Há possibilidade de, na migração de uma ocupação *c* para uma ocupação *b*, haver uma recordação hostil entremeada, em cuja passagem ocasionaria a liberação de desprazer. A esta altura, o aparelho psíquico já adquiriu a capacidade de evitar este trilhamento — a descarga através dos neurônios associados à experiência de desprazer. Assim, haveria uma inibição e uma busca de outro caminho possível até o neurônio *b*, oferecendo possibilidade de descarga de prazer.

O modelo demonstrado por Freud de pensar reprodutivo se dá na apreensão do seio pelo bebê, posicionado de lado, sem a percepção do mamilo ao centro. Ora, a imagem de desejo se constitui no mamilo em posição central. Se tiver havido uma situação, num caso accidental, ao longo de uma mamada, em que o bebê já tenha retido uma imagem lateral do seio, é possível, a partir da migração, realizar um movimento e obter a imagem do mamilo ao centro. O juízo aqui ainda é pouco requisitado, mas já tem sua função realizada na execução da busca pela meta, ocasionando o movimento de virada do rosto, que passa pela obtenção do seio em posição para a mamada, até a saciação.

Observa-se que a meta do pensamento reprodutivo é alcançar a identidade, que leva à condução do neurônio *c* até o neurônio *b*. Efetuando uma grande ocupação no neurônio *c*, passando pelos caminhos facilitados, inibindo as eventuais imagens hostis ao longo destes caminhos, a quantidade *Q* chega ao neurônio *b* faltante. Este é o objetivo prático do pensamento recordativo, a reprodução da

imagem mnêmica buscando identidade com a percepção. Assim é possível adquirir também a condição de saciação, uma vez atingida a identidade e a notícia de realidade.

Pode haver um processo que não tenha a função de atingir a meta última de saciação, apesar de buscar a identidade. Nesse caso, não haveria a ocupação de desejo e a esse Freud caracteriza como um *pensar puro*. Sua função é a realização da condução da quantidade *Q* da parte da percepção que difere da imagem mnêmica, para esta última, sem o resultado final da descarga que a ocupação da representação de desejo busca. Este processo tem o intuito de, mais tarde, ser aproveitado de forma prática. Esta imagem de um uso posterior está completamente de acordo com o fato de que a atividade de pensamento não cessa, ela é constante e está ligada ao mecanismo da atenção, direcionado para o mundo externo. E, como Gabbi indica, “o pensar é uma forma de estabelecer possíveis caminhos de eliminação, de criar expectativas em relação ao mundo”; além do fato de que o *Eu* estará “estabelecendo um sem-número de vínculos entre a representação de desejo e representações suscitadas pelas percepções momentâneas.” (1995, pg. 149) Em ambos os casos, do pensar recordativo, provido de meta de descarga, e do pensar puro, desprovido da meta da descarga, o *Eu* comporta-se de forma idêntica.

Num outro caso, em que o estado de desejo esteja ocupado, mas que a percepção não coincida com a imagem mnêmica recordada de desejo, haverá uma tentativa semelhante de buscar a coincidência via novos trilhamentos que levem à imagem mnêmica desejada. Diferentemente do caso anterior, em que houve a decomposição entre coisa e predicado, agora esta não será prontamente realizada, pois não há uma identificação da coisa — complexo de neurônios mnêmicos da

experiência de satisfação. Deste modo, a percepção será altamente ocupada, buscando caminhos possíveis até o encontro de uma imagem mnêmica associada à imagem mnêmica de desejo. Se a imagem perceptiva não é absolutamente nova, ela pode despertar uma imagem recordativa perceptiva (percebida em ω). Segundo Gabbi (1990), esta imagem está associada à imagem mnêmica de desejo, mas não é totalmente reconhecida devido a partes ainda não identificadas. Este processo de pensamento ocorre sem a meta, ou seja, sem que ocorra a descarga e a consequente satisfação. Freud indica esta forma pensamento como um *despertar de interesse*.

Toda vez que uma imagem perceptiva é idêntica⁹ à imagem de desejo, não há necessidade do trabalho de pensar. O objetivo do processo de pensamento é buscar um estado de identidade. Portanto, em situações em que as imagens perceptiva e mnêmica forem discordantes, despertarão o interesse, tendo duas possibilidades do trabalho de pensar. Seja através da busca pelas imagens mnêmicas despertadas num trabalho recordativo ou através do trabalho de juízo, ambos sem meta. No primeiro, a identidade é buscada e a saciação é uma meta posterior, um trabalho recordativo que utiliza o pensar reprodutivo. No segundo, a identidade é buscada sem a meta da saciação, que busca reconhecer, realizando um trabalho judicativo chamado de pensar *recognitivo*.

A meta se estabelece em consonância com a fome e a sexualidade, as pulsões. A *coisa* se coloca como um desejo que tem sua base na satisfação da fome, e na qualidade de prazer atribuída a esta satisfação. O *predicado* é aquilo que promove um diferencial, um atributo da coisa.

⁹ Fala-se aqui de um modelo didático, pois sabe-se que não há situações idênticas em realidade.

Ora, a primeira experiência de satisfação vai gerar uma imagem mnêmica primordial, que será lembrada, a partir do enredamento constituído no pensamento que busca a identidade das experiências. Estas associações, em sua complexidade de formação, se distanciam cada vez mais daquela primeira experiência, num deslocamento crescente da experiência primordial, até perder-se do próprio germe.

O *outro*, o próximo, é o que se coloca como elo associativo da coisa, como indivíduo prestativo e elo direto com a experiência de satisfação, resultado da comunicação realizada pelo bebê por suas necessidades vitais. Daí Freud dizer que “o desamparo inicial é a *fonte originária* de todos os *motivos morais*”. (1895, p. 32) O adulto, cuidador, é convocado pelo desamparo do bebê, pela dor deste, para o fornecimento do alimento. O cuidador estaria, de certa forma, retomando o seu próprio desamparo. Assim ele permite ao infante a construção de predicados, de experiência e aquisição de corpo e representações, que Freud denomina inicialmente como *imagens de movimentos*. São imagens porque foram adquiridas em resposta do corpo e da fala do adulto ao monumental caos do mundo do *infans*. Embora a experiência da satisfação da fome se dê desta maneira, a representação da experiência reconhecida a partir da consciência (sistema ω), de realidade e prazer, transforma-se em elo associativo que se perde, como elo inicial, na rede neurônica de significados. Essa lembrança de saciação nunca mais vai ser reconhecida conscientemente pelo sujeito por ser primordial, uma representação em germe. Ora, não se coloca aqui a experiência da saciação da fome somente, mas também do contato que se obtém a partir da experiência com o outro. Esta representará o elo perdido numa linha de associações infindada.

Retornando ao pensamento *recognitivo*, é preciso considerar o objeto de percepção como o semelhante, o próximo, o indivíduo prestativo através do qual o sujeito aprende a reconhecer a si próprio. Neste indivíduo, é possível identificar complexos perceptivos novos, características próprias do próximo como as feições, além de outras passíveis de recordação, como as mãos e seus movimentos, o grito, o choro, observados pelo indivíduo em si mesmo. De acordo com o pensamento judicativo, o complexo perceptivo é decomposto e buscado nas imagens mnêmicas similares do corpo do outro e de si próprio, constituindo uma capacidade de reconhecimento. O objetivo não é a obtenção de descarga, e sim obter a identidade das partes distintas.

O pensamento reprodutivo irá buscar, precisamente, uma vivência psíquica, a ocupação de uma imagem mnêmica associada à experiência direta de satisfação. O pensamento judicativo, *recognitivo*, irá buscar uma identidade com uma ocupação corporal, associação indireta com a experiência de satisfação. Freud diz:

O pensar judicativo trabalha com antecipação em relação ao reprodutivo, na medida em que aquele oferece para este facilidades prontas para a migração associativa posterior. Se, após a conclusão do ato de pensar, chegar o *signo de realidade* para a percepção, obtém-se o *juízo de realidade* para a percepção, a *crença*, e alcança-se a meta da totalidade do trabalho. (Freud, 1895, p. 46)

1.3 Aquisição da Linguagem

Na tentativa de explicar os processos numa apresentação psicológica, Freud retoma a discussão sobre o que haveria de biológico, ou seja, o que não é passível de explicação puramente mecânica. Aqui ele indica a *atenção*, que é a forma de

aprendizado psíquico que desvia colateralmente os processos de descarga de forma a evitar o desprazer.

Tenho dificuldade em explicar sua origem mecânica (automática) [do mecanismo da atenção psíquica]. Por isso creio que ele seja condicionado biologicamente, isto é, ele seja o que restou no decurso do desenvolvimento psíquico porque todo outro comportamento de ψ teria sido excluído por desenvolver desprazer. (1895, p. 75, acréscimo em colchetes desta autora)

A atenção leva à facilitação de trilhamentos entre o estado de desejo e as percepções não coincidentes, utilizando a notícia de qualidade. A ocupação perceptiva, que na primeira vez é ainda pequena, torna-se mais intensa numa próxima vez, por já haver aí um trilhamento anteriormente definido. Esta segunda ocorrência não deverá alterar as representações já existentes, mas ampliar seu curso e conexões com novas imagens mnêmicas. Com a notícia de qualidade, haverá um reforço da imagem percebida, via trilhamento facilitado na direção desta, justificando o processo de atenção. Sem o *mecanismo da atenção*, não haveria, no sistema ψ , a ocupação intensificada dos neurônios correspondentes à imagem perceptiva. A condução da quantidade Q iria de forma imediata, através de seus trilhamentos já estabelecidos, até se tornar pequena o suficiente para que não mais pudesse prosseguir. Este processo ficaria ocupado até um próximo pensamento, ou não, ficando inobservado pelo momento, devido à pouca ocupação, proveniente apenas da pouca quantidade Q correspondente à imagem percebida.

Freud especifica o *pensamento observador*, que se utiliza da atenção. Desta forma a condução da quantidade Q iria da superocupação do complexo de neurônios da imagem percebida para as associações neurônicas, aumentando os trilhamentos (mais trilhamentos e mais distantes do que ocorreria num processo

sem a atenção), até seu termo em ocupações de recordação. Este pensamento observador, que estabelece um caminho entre uma dada imagem percebida e várias recordações, tende a esgotar o conhecimento do objeto perceptivo, estendendo ao máximo o trilhamento e as ocupações, o que leva ao pensamento cognitivo. Obviamente, haveria o uso dos signos de qualidade para designar este percurso, que pode ou não derivar do curso associativo, embora este também venha da percepção¹⁰. Assim, os signos de qualidade emitem notícias de eliminação, conforme anteriormente mencionado, mas não necessariamente motora, pois para uma eliminação motora tem que haver uma facilitação com os neurônios motores ao longo do curso da condução da quantidade Q.

É assim que a *associação linguística* realiza este objetivo: efetuando as ligações entre neurônios ψ e aqueles das representações acústicas, que por sua vez estão ligados intimamente com as *imagens motoras linguísticas*. Há vantagens no uso destas associações; são poucas (fechadas) e exclusivas. Portanto, quando a condução da quantidade Q de uma imagem de recordação passa pelas imagens acústicas da palavra, e depois pelas *imagens motoras da palavra*, haverá notícias de eliminação motora, que também são signos de consciência da recordação. E se o Eu ocupar as imagens da palavra como ocupava as imagens de eliminação, nova associação será realizada e haverá então um *pensamento consciente observador*. Este pensamento não é dependente dos signos de qualidade originados em ω (da percepção), e sim da eliminação de quantidades Q provindas das representações motoras da fala.

¹⁰ Nunca é demais lembrar que a percepção que entra no sistema ϕ é a mesma que entra no sistema ω , com a diferença de que o primeiro sistema “lê” a quantidade, enquanto que o último “lê” qualidade, ou seja, variação temporal (ou período) da quantidade, sendo a única passível de se tornar consciente.

A associação linguística não só permite o reconhecimento, como também permite a *memória consciente*. A percepção de mundo é registrada, isto é, através dos trilhamentos formados entre os neurônios ψ , a memória é formada com o que foi experimentado do mundo externo. A partir do pensamento, é possível aumentar este *patrimônio*, através de novos trilhamentos realizados pelo Eu, que promove um resultado, mas não uma descarga em ω , enquanto que a percepção promove uma notícia de descarga. A associação linguística se realiza assim como uma descarga motora para o pensamento, equiparando os processos perceptivo e de pensar, e que terá uma realidade e uma memória, uma vez que a palavra é passível de se tornar consciente. Depreende-se disso que o pensar consciente é a ação verbal.

Além disso, o grito do bebê, que ocorre como descarga da quantidade Q , não só funciona como um modo regulador da excitação interna enquanto não for realizada a ação específica, como também oferece um apelo ao indivíduo prestativo para o estado de desamparo do *infans*. Ora, o próprio grito é reconhecido como parte da experiência que lembrará o desprazer, assim como, eventualmente, o prazer da saciação. Juntamente com as novas associações, na tendência à imitação do processo de julgar, novas formações sonoras ocorrerão levando a eliminações motoras em movimentos sonoros.

A linguagem é, portanto, a percepção da realidade do pensamento. Isso porque a associação da imagem motora da palavra é, na origem, o grito, oriundo da dor, do corpo em apuros, e ligado ao órgão acústico de recepção de imagens do objeto. Esta imagem passa de hostil em predcados, uma ligação entre o corpo e a palavra, uma ligação entre dor e consciência. A linguagem, como comunicação, tem aí seu desenvolvimento. É importante salientar que, ao pensar, as inervações

linguísticas que ocorrem são sempre muito pequenas; o gasto exercido no movimento muscular é sempre maior do que a inervação da fala. As ocupações das imagens nos neurônios são mais profícuas do que as palavras que as representam, pois as primeiras são abertas e as últimas fechadas. Além disso, Freud supõe que o Eu possa estabelecer um funcionamento de forma a manter ocupados os neurônios na atenção, cujo gasto seria pequeno (custo de manutenção), mantendo assim um estado ligado, sem haver uma inibição. Isso porque o processo permite a condução de grandes quantidades Q agindo por *complicação*¹¹, ou seja, aumentando o enredamento, fazendo mais ligações.

Outro aspecto, também importante, é o atalho possível no pensamento. Uma vez que um enredamento seja bastante complexo, um caminho mais curto pode vir a ser mais facilitado entre a imagem perceptiva e o objeto de desejo. No caso das associações de palavra, isto ocorre com mais frequência; as associações de palavra podem constituir tais caminhos mais curtos que promoverão descargas através de ocupações colaterais.

Freud ainda considera as possibilidades de *erro no pensar*. Estes podem ocorrer devido a *falhas na atenção, ilusões do juízo* ou *falhas de premissas*. Ao se substituir um complexo de coisa por uma palavra, poderia acontecer, ao acaso, um erro. Outro tipo de erro poderia ocorrer pela percepção equivocada, gerando os *erros por ignorância*, inevitáveis. E quando a ocupação é defeituosa por haver um desvio dos caminhos perceptivos, pode ainda resultar *em erros por atenção defeituosa*.

¹¹ *Complicação* aqui se refere à ocupação de um grande número de neurônios, promovendo novas ligações, tornando o enredamento mais complexo, *complicado*.

2. DISCUSSÃO SOBRE O *PROJETO*

Qual a importância deste texto? Seria realmente um texto datado, que nada mais tem a oferecer ao psicanalista? E, se não for o caso, justificaria tentar compreender um texto tão difícil, cuja temática central mais se aproxima da neurologia do que da psicologia? Por que insistir em retomá-lo, sabendo de suas dificuldades e impasses, que mesmo Freud apontou? E se o próprio autor renegou sua escrita, por que haveria de ser reconsiderada?

Uma primeira questão importante para discussão seria sobre a validade do texto. Começando pelo fato deste trabalho ter sido arquivado pelo próprio autor. Talvez este já seja um ponto importante para torná-lo questionável. No entanto, apesar de Freud não ter considerado o *Projeto* como material publicável — sua publicação foi apenas realizada 55 anos depois de sua redação —, toda sua teoria pode ser revista com base neste texto. Trabalhos que foram publicados posteriormente, mesmo 25 anos depois, podem ser revistos a partir do modelo de psiquismo representado no *Projeto*. Sua dificuldade em descrever o aparelho como um modelo puramente mecânico ou físico, fazendo com que recorresse a fenômenos biológicos, pode ter transformado o texto em algo bastante confuso, mas não nega sua capacidade de interpretação e explicação.

Sobre o problema da criação de modelos científicos, Bourguignon cita Noy:

(...) um modelo é uma construção lógica hipotética que abstrai e transfere um sistema de relações, processos ou leis de seu contexto original para um outro contexto, onde, em geral, apenas um ou alguns elementos são preservados sem

alteração, enquanto outros, ou são modificados, ou são eliminados. (1991, pg. 122)

Como exemplo, Bourguignon sugere o mapa de ruas, que têm, objeto e modelo, uma relação de analogia. Além disso, Thom (apud Bourguignon) afirma que é preciso rejeitar os critérios clássicos de cientificidade de um modelo nos casos da modelização especulativa ou pré-científica, pois “um ‘bom’ modelo é aquele que fornece uma resposta satisfatória a uma pergunta, quer essa resposta permita uma previsão sobre o fenômeno representado pelo modelo, quer contribua, muito simplesmente, para eliminar seu caráter enigmático.” (1991, pg. 122)

Em se tratando de um modelo especulativo, o modelo freudiano do aparelho psíquico responde de forma explicativa, assim como abrange grande parte da teoria ao longo de sua obra. Este modelo foi criado para uma explicação da situação clínica da época, onde o aparelho psíquico pretende representar a neurose com origem no trauma causado pela sexualidade introduzida em momento inoportuno. Este é um momento precoce, quando o sujeito, ainda criança, não pode lidar com a sexualidade, pois esta só tem seu despertar normal durante a puberdade. A sedução (esta sexualidade invasiva) não assimilada, latente, responde com a neurose traumática, emergente com a passagem do tempo, quando do conhecimento e reformulação do abuso sofrido. Por outro lado, com o avançar da teoria ainda é possível apreciar a validade do mesmo modelo. Este modelo teórico-abstrato ainda responde às atualizações da teoria, com a sexualidade infantil e a sedução como invasão psíquica. Assim como também é possível encontrar – como se pretende mostrar nesta dissertação – uma representação dos pacientes limites dentro do modelo do *Projeto*, apesar de não terem tido seu diagnóstico definido enquanto Freud ainda atuava.

2.1 Explicação Mecanicista

Freud teve sua formação intelectual dentro do ambiente cientificista e positivista alemão do século XIX, das ciências naturais. Influências importantes podem ser vistas, como por exemplo, de Meynert, seu professor de neuropsiquiatria, assim como outras indiretas de Herbart, Helmholtz, Exner e Fechner, ligados à tradição positivista, e que haviam abordado os fenômenos psíquicos de forma quantitativa. Como já afirmado anteriormente, o modelo do *Projeto* não é um modelo neurológico, mas uma neurologia e anatomia fantásticas. Pois, como afirma Garcia-Roza, não se trata de:

(...) um trabalho descritivo baseado em observações e experimentos, mas um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética. Sem dúvida alguma, Freud se beneficiou das descobertas feitas pela ciência de sua época, mas não lhe prestou obediência estrita. (...) O *Projeto* não é, portanto, uma tentativa de explicação do funcionamento do aparelho psíquico em bases anatômicas, mas, ao contrário, implica uma recusa da anatomia e da neurologia da época, e a consequente elaboração de uma “metapsicologia”. (1991, pg. 80 e 81)

Em se considerando a tradição, está na física newtoniana, a lei da inércia, que diz que todo corpo em repouso ou em movimento uniforme continua no mesmo estado a menos que uma força externa seja aplicada sobre ele. Também de Newton, a lei da ação e reação dita que se um corpo exerce uma força sobre outro, este exerce sobre aquele uma força de mesma magnitude e direção, no sentido contrário. Com base nestes referenciais, Freud constrói um modelo científico de um aparelho psíquico que responde às mesmas leis, embora não trate de forças e sim de estímulos, de energia psíquica. Num estado de equilíbrio — sendo que este equilíbrio não quer dizer o absoluto repouso — o aparelho, ao receber um estímulo, tende a livrar-se imediatamente deste. O estado de equilíbrio é referente à condição

de ausência de estímulos. Portanto, se o sujeito receber um estímulo, estando o aparelho em completo equilíbrio, a reação seria de fuga.

A questão fundamental é que Freud está falando do nascimento do psíquico, partindo do somático. Trata-se de um estímulo sentido no âmbito fisiológico, e este também é percebido como uma excitação psíquica. Assim, o corpo em equilíbrio, ao receber um estímulo, tende a responder, na tentativa de anular o estímulo, e voltar ao equilíbrio. O aparelho psíquico, então, regido pelo princípio de inércia, que busca o afastamento das excitações via fuga e descarga, retorna à condição de repouso.

Cabe, contudo, situar o homem, que não é um corpo inerte e exige satisfação das necessidades essenciais de sua existência. Estas não provêm do ambiente, são necessidades internas que buscam sua satisfação para manutenção da vida. E para tal satisfação é requerida uma *ação específica*, cuja carência transforma o princípio da inércia em princípio de constância. Freud pressupõe aqui uma necessidade fisiológica/psíquica, que introduz a resposta da vida, em oposição ao ser inanimado. Então, ainda que o bebê busque retornar ao estado de equilíbrio, não pode fazê-lo apenas através da fuga ou da descarga. Apenas com a *ação específica* de um provedor, dado o estado de absoluta dependência do bebê, é que a fome é satisfeita. Ainda assim, é necessária uma ação própria do bebê, o sugar, para a qual ele necessita de reserva interna de energia, justificando a mudança do princípio da inércia para o princípio da constância. Esta mudança é realizada permitindo o uso de parte da energia que o aparelho recebe (interna ou externamente), que será acumulada para descarga posterior, realizando assim a função necessária para a realização da ação específica.

Freud representa o aparelho psíquico como um tecido neuronal constituído de três sistemas denominados ϕ , ψ e ω , possivelmente por representarem, respectivamente, a natureza (*φύσις, physis*), a mente (*ψυχή, psyche*) e a consciência (*wahrnehmung*). O funcionamento deste sistema se assemelha a um modelo hidráulico com diques, onde transita uma quantidade Q cuja condução se estende compondo um complexo mapa hidrográfico, o Eu. Este mapa hidrográfico, organizado a partir de ligações entre as percepções recebidas e as memórias registradas das experiências vividas, cria um *patrimônio* capaz de elaborações de reações qualitativas e defesas com o intuito básico de permanecer o mais próximo de uma condição de repouso. Esta condição de quase repouso é necessária para a manutenção de quantidades mínimas que fornecem energia suficiente para o funcionamento do psiquismo, dentro do princípio da constância.

Ao longo do desenvolvimento da teoria, em especial no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, de 1911, Freud irá determinar o funcionamento psíquico sob dois princípios reguladores, o *princípio do prazer* e o *princípio de realidade*. Neste caso, o funcionamento do primeiro princípio estipula uma regulação do psiquismo que tenderia a eliminar o desprazer e buscar o prazer, enquanto que o segundo buscaria uma formação de compromisso através da modificação do primeiro, em função das condições impostas pela realidade. Tal modificação evitaria os caminhos mais curtos na procura da satisfação, fazendo desvios e adiando seus resultados.¹² Dentro do modelo do *Projeto*, o princípio de inércia teria como função a descarga imediata da excitação, enquanto que o princípio da constância pretende que haja uma tendência à manutenção de uma

¹² Ver Laplanche e Pontalis (2001) a respeito dos princípios reguladores do prazer e da realidade.

quantidade mínima, possibilitando a descarga posterior. Apesar da semelhança, não há referências absolutas entre os princípios do modelo do *Projeto* com os princípios determinados posteriormente (do prazer e da realidade). Embora o princípio do prazer tenha a tendência da descarga imediata, em 1924, em *O problema econômico do masoquismo*, Freud esclarece que a descarga imediata se dá no princípio do Nirvana¹³, na busca de uma tendência a zerar todos os estímulos e manter-se na condição de absoluto repouso, em correspondência com a noção do instinto de morte. Vê-se, portanto, que apesar de não existir uma analogia direta entre os princípios de funcionamento psíquico do *Projeto* e os posteriores, a semelhança entre os conceitos é deveras pronunciada, evidenciando o fato de que Freud manteve suas ideias originais para formular os enunciados mais comumente utilizados na teoria atualmente.

Apesar da modificação do princípio de inércia para o princípio de constância ser justificado pela imposição das necessidades da vida, dotando o aparelho de energia capaz de exercer as ações específicas, não há abandono do princípio de inércia. O aparelho terá o funcionamento regido pelos dois modos, dando preferência para o princípio de constância somente para garantir a sobrevivência do sujeito.

Toda a descrição do aparelho tende a discernir alguns pontos fundamentais: este é um aparato de *memória* que busca a *satisfação* e reage de forma a *defender-se* da invasão. Obviamente, a partir da memória, satisfação e defesa, têm-se o *processamento*, o *pensamento*, e as *representações*, que permitem a sofisticação que cabe ao aparato psíquico. Entretanto, como ponto fundamental, a construção do

¹³ O princípio de Nirvana responde pela tendência do aparelho psíquico à descarga, ver Laplanche e Pontalis.

aparelho acontece em bases da memória, que infere a inscrição dada pela passagem das quantidades Q nos neurônios da memória (ψ). Os neurônios do aporte sensório (ϕ) obtêm os estímulos do exterior, que são registrados fazendo ligações (em ψ) com as experiências anteriores. Os neurônios da memória recebem tanto as informações do exterior, via aporte sensório e percepção, como do interior somático. Os neurônios da consciência (ω) atribuem condições para a realização dos caminhos preferenciais, baseando-se na busca da satisfação dos desejos do Eu, busca do prazer.

A construção da memória ocorre a partir das diferenciações. Os caminhos facilitados, os trilhamentos, permitem a condução das quantidades Q pelas sequências de neurônios, seguindo diferenciações entre os calibres e as quedas de resistência das barreiras de contato. Assim os trilhamentos preferenciais são percorridos constituindo a memória com as representações. A defesa efetuada pelo psiquismo desvia a descarga, evitando os trilhamentos referentes às imagens hostis, buscando evitar o desprazer. O pensamento é constituído na busca de identificações com a realidade, percebida, e a satisfação obtida. O processamento das informações requer em grande parte a *atenção* para a interação das informações recebidas com a realidade apreendida.

Apesar da grande dificuldade que Freud teve ao incorporar o conceito de consciência no *Projeto*, este é um importante fator, que vai designar o diferencial para o aprendizado no psiquismo. A consciência neste texto tem duas funções, representar a realidade e a qualidade para o sujeito. A consciência não se reduz ao conhecimento da realidade, mas também ao julgamento. Há uma tentativa de considerar o real, a partir do conceito de qualidade. Por isso o Eu realiza o

adiamento das satisfações através da evitação do desprazer — desprazer que acontece, por exemplo, com o bebê que alucina enquanto não recebe o seu alimento; o Eu transforma a necessidade dessa consciência em algo que vai além da pura satisfação. A partir do contato com o objeto, e do fato da busca da satisfação depender desse objeto, a necessidade de apropriação e consideração do real se faz necessária.

2.2 Caos e Organização

Através da descrição das experiências de dor e de satisfação, Freud introduz o aparelho psíquico. Essas experiências conferem aspectos organizacionais a este psiquismo incipiente, cuja estrutura irá constituir uma rede de conexões necessária para seu funcionamento.

A organização acontece primordialmente através da experiência de satisfação. É dela, como um ponto de partida, que os trilhamentos começam a ser constituídos. Isto acontece devido do desamparo, característica própria do humano. Este nasce sem nenhuma condição de sobrevivência estando desacompanhado, e o atendimento a suas necessidades requer um cuidador. No acolhimento do bebê, ao realizar a ação específica, que é a nutrição, o objeto (o cuidador) deixa a marca de sua presença, que será associada à vivência de satisfação. No estado de necessidade, haverá uma incitação do desejo, reação psíquica de retorno a essa experiência, através da associação com as imagens mnêmicas da representação do objeto de desejo e da satisfação. Esta experiência se torna compulsiva, na busca de repetição dos caminhos preferenciais. Surgirão, então, os estados de desejo,

estados excitados, cujo estímulo, externo ou interno, recorre à lembrança da satisfação e busca ser descarregado da mesma forma. Mas as experiências não serão exatamente as mesmas a cada nova ocorrência, e cabe ao Eu identificá-las, e permitir, ou não, sua descarga. Tal descarga só pode ser executada caso a experiência seja de prazer, ou pelo menos de evitação do desprazer, e assim está criada a condição para a sobrevivência do sujeito.

Freud discorre sobre a experiência de dor, que ocorre a partir do excesso. Esta é uma experiência arrasadora, que deixa uma importante marca, um caminho de ligações profundas com as barreiras de potencial praticamente derriçadas. Seu registro é marcado de forma intensa, como um profundo veio no psiquismo. Toda situação semelhante é atraída para este caminho preferencial, com poucos recursos de desvio.

A excitação causada pela dor é de grande impacto, pois com grandes quantidades Q , acima dos níveis suportáveis pelos neurônios ψ , as barreiras de contato pouco fazem resistência. A condução tende à imediata descarga, impedindo o acúmulo de energia. Com isso, não é possível executar outras ações, como o pensar, por exemplo. Toda experiência de grandes intensidades tende à descarga, impedindo que se construam novos trilhamentos, justificando assim a repetição compulsiva também neste caso.

Na repetição da excitação do estado de desejo, estando ausente o objeto que executaria a ação específica, a imagem de satisfação é relembrada e ocorre uma descarga, dando início ao sugar do bebê. No entanto, por esse processo não ser acompanhado de saciação, caracterizaria uma alucinação do *infans*. Neste ponto, haveria uma frustração exigindo uma evitação desta imagem enquanto não houver

uma indicação da realidade da presença do objeto e da satisfação (sinais de qualidade e realidade em ω). Desta forma, as imagens mnêmicas registradas durante a ocorrência deste episódio de frustração são imagens mnêmicas hostis que o bebê aprenderia a evitar através do mecanismo de atenção, realizando a inibição destas imagens.

A reativação de uma imagem hostil leva à revivência da experiência de dor sem que necessariamente haja dor infligida, ou seja, sem que haja novas grandes excitações provindas do exterior. Porém, devido à ativação dos neurônios-chave, ocorre uma vivência carregada de afeto, termo empregado no *Projeto* para designar a reprodução da vivência de dor, onde ocorre o desprazer e não a dor.

Freud diz que os dois estados, de afeto e de desejo,

(...) são da maior importância para o curso [de quantidades] em ψ , pois deixam atrás de si motivos do tipo compulsivo. Do estado de desejo segue-se diretamente uma *atração* pelo objeto de desejo, ou melhor, pela sua imagem recordativa; da vivência de dor resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa hostil. Elas são a *atração de desejo* primária e a *defesa* primária. (Freud, 1895, p. 35, colchetes e itálicos do autor)

Nota-se que as experiências de satisfação e de dor são intimamente relacionadas, elas se completam e se contrapõem no sujeito. Enquanto uma é organizadora, a outra é caótica. Por outro lado, é a partir desta desorganização que a organização pode ser estruturada, ou seja, é a partir da experiência de dor que a experiência de satisfação é estabelecida, como um contraponto. Garcia-Roza cita Deleuze: “de certo modo, não há trilhamento [*Bahnung*] sem um começo de dor” (1991, pg. 139); mas salienta que não é a dor o princípio de estruturação do psiquismo. “A dor coloca tanto o sistema ϕ como o ψ em movimento, não há para

ela nenhum impedimento de condução; ela é o mais imperioso de todos os processos.” (Freud, 1895, pg. 21) A dor não é oposta ao prazer, que participa da organização do aparelho psíquico criando diferenciais. Mas o vestígio da dor deixa no aparelho uma tendência à proteção.

Quando um determinado limite é ultrapassado, não há defesa possível e as próprias *Bahnungen* se desdiferenciam. Dentro de certos limites, contudo, a dor, isto é, o acréscimo de Q proveniente do exterior, faz entrar em funcionamento a proteção contra a excitação (*Reizschutz*), além de dar lugar ao investimento colateral (*Seitenbesetzung*) como mecanismo ψ destinado a inibir o curso da excitação. É nessa medida que a frase de Derrida ganha sentido. As *Bahnungen* se formam tendo em vista uma economia do aparelho psíquico; a dor, quando intensa e duradoura, é exatamente o que desorganiza essa economia. (Garcia-Roza, 1991, p. 142)

Em prol do equilíbrio da economia psíquica, defesas se erguem contra os excessos, internos ou externos, das quantidades Q. Essa é uma questão que vinha ocupando Freud em relação aos casos de histeria e neurose obsessiva. Garcia-Roza observa que Freud “levanta a hipótese de uma proporcionalidade entre a intensidade dos traumas e a intensidade dos sintomas por eles produzidos” (1991, p. 83). Freud diz que a concepção quantitativa “decorreu diretamente de observação clínico-patológica, em que se tratou em especial da representação superintensa, como no caso da histeria e da compulsão” (1895, p. 9). Garcia-Roza continua, “mais de quarenta anos depois, em *Análise terminável e interminável* (Freud, 1937), ele ainda aponta o fator quantitativo como decisivo para a teoria psicanalítica” (1991, p. 83).

Todavia, a construção do *Projeto* teve o propósito de responder aos estudos e ideias referentes à neurose, pautada no trauma causado pela sexualidade adulta invasiva diante da ternura infantil. O neurótico, nessa época, é um indivíduo que foi

assediado, ainda na infância, quando não tinha condições de dar conta da sexualidade do adulto (ou irmão mais velho). Mais tarde, já na puberdade, à luz de suas novas capacidades de compreensão, quando ele entra em contato com a lembrança do evento passado, acaba por fazer uma ressignificação do ocorrido. Assim, toda a questão traumática do evento sofrido tempos atrás é retomada — o trauma ocorre *a posteriori*, no *après-coup*, ou *Nachträglichkeit*, quando o indivíduo finalmente entende o que lhe ocorreu, desenvolvendo os sintomas neuróticos. Esta era a ideia que Freud tinha do trauma da sedução, que ele buscou explicar com o *Projeto*: a defesa contra a sexualidade adulta inoportunamente apresentada ou imposta à criança.

Nesse contexto, o que se traduz é a conjugação do que vem de fora com o que vem de dentro. É a relação entre a realidade e as pulsões do sujeito, que se interagem através do outro registrando as marcas mnêmicas desta relação. Uma conjugação necessária que trará mais do que a adaptação à realidade, a partir da palavra que se intervém.

Quando o objeto entra em contato com o *infans*, ao responder ao grito — cabe aqui uma observação, pois o grito, em última instância, leva o objeto ao seu próprio desamparo, sua dor, justificando sua necessidade em atender o bebê — resulta daí uma “*vivência de satisfação*, que tem as consequências mais decisivas para o desenvolvimento das funções do indivíduo” (Freud, 1895, pg.32). Isto porque será registrado o fim da excitação produtora de desprazer, assim como o registro do outro que proporcionou este fim, além do registro dos movimentos reflexos seguintes à ação específica marcando o prazer da eliminação. Todo este contexto registra um patrimônio, vias de associações marcando os trilhamentos facilitados.

Ora, essa experiência denota a associação das futuras experiências, marcadas pelos caminhos trilhados pelas facilitações ocorridas pela associação por simultaneidade, seja pelas experiências suscitadas como similares, seja por aquelas que foram mais investidas anteriormente. Todo esse processo requer um Eu organizado, que fará escolhas a partir dos trilhamentos facilitados. Assim também haverá inibições ou defesas encontrando alternativas próprias que funcionem como evitação dos processos hostis. É fato que da dor não se é possível escapar; mas o Eu aprendeu, biologicamente, a inibir tais experiências de revivência de dor, dos afetos. Este processo é obtido com *ocupações laterais*, que aumentam o patrimônio psíquico do indivíduo, com novos trilhamentos facilitados que proporcionam desvios alternativos aos caminhos que levavam à imagem mnêmica da experiência dolorosa.

Assim, o outro estaria fornecendo experiências que serão utilizadas, numa troca constante entre a dor, da invasão, e a satisfação, do apaziguamento, que ele efetua. Invasão, pois o outro introduz o novo, o irreconhecível, com o contato que desperta no bebê seus próprios sentidos, também desconhecidos. E apaziguamento que vem da experiência de satisfação oferecida. Novamente o contraponto entre a dor e a satisfação, que permitirão o despertar e a construção do sujeito.

Por outro lado, a dor, quando não significada, pode manter esse veio marcado no psiquismo como uma “valeta” permanente. Esse veio, como um rasgo no tecido psíquico, força o escoamento da quantidade Q para uma descarga imediata, impedindo toda a possibilidade construção de um enredamento que permita defesas ou inibições. Por este trilhamento “viciado” não há desvios: o Eu não se vê capaz de pensar.

À vista disso, pode se estender o modelo utilizado no *Projeto* à noção de neurose traumática incluída nas considerações de 1920, em *Além do princípio do prazer*. Devido à Primeira Guerra Mundial, os soldados retornavam sob condições similares às de sobreviventes de acidentes graves, como os desastres ferroviários. As neuroses de guerra e as neuroses traumáticas apresentavam alguns aspectos em comum: no momento da eclosão, causavam um choque aterrorizante, mas não deixavam danos físicos importantes, além do elemento surpresa.

Por isso Freud especula sobre a existência de um organismo vivo, uma vesícula de substância excitável, cuja superfície esteja voltada para o mundo externo, servindo como órgão receptor de estímulos. Sua camada superficial, devido ao incessante choque dos estímulos externos, teria sido alterada até certa profundidade, formando assim uma crosta, diferentemente das camadas mais internas. Esta casca adquire assim uma característica imutável a partir de então, e uma propriedade de proteção, contra os estímulos externos, para as camadas mais adentro. Ela toma a função de um invólucro, inerte, que detém os estímulos em seus excessos, permitindo apenas a passagem de uma pequena parcela ao seu interior, vivente. Há de se lembrar que, no *Projeto*, Freud já havia descrito os neurônios ϕ desta mesma natureza.

Quando, no interior do aparelho psíquico um afluxo desta natureza se introduz, assim como a dor, em maior escala, em que um estímulo traumático irrompe esgarçando o tecido de proteção, a excitação extrema, agora encontrada internamente, se torna insuportável. Neste momento não basta o funcionamento do princípio do prazer-desprazer, pois é preciso um mecanismo que possa dominar a

excitação excessiva que invadiu seu interior, ligando estas quantidades de estímulo para levá-las à descarga.

Com a súbita e inesperada experiência, não há possibilidade de mobilizar defesas. Esse afluxo de excitações ameaça o Eu, impedido da contenção, buscando alguma alternativa de descarga.

Assim, o trauma é o excesso, para além dos limites do organismo. Em linguagem utilizada no *Projeto*, não se trata de defesas em inibir associações com as imagens mnêmicas hostis, mas de ausência de associações como um todo. São as imagens mnêmicas de dor que não permitem associações pela própria intensidade com que ocorrem. O traumatismo infere uma experiência anterior à inauguração do princípio do prazer, que pode se deduzir da experiência de dor no *Projeto*.

3. O PACIENTE-LIMITE

A proposição de compreender, no *Projeto*, as formações do paciente limite requer uma definição. Para começar, talvez seja interessante utilizar Laplanche e Pontalis, que definem caso-limite como:

Expressão utilizada a maioria das vezes para designar afecções psicopatológicas situadas no limite entre neurose e psicose, particularmente esquizofrenias latentes que apresentam uma sintomatologia de feição neurótica.

A expressão “caso-limite” não possui uma *significação nosográfica rigorosa*. As suas variações refletem as próprias *incertezas* do campo a que se aplica. De acordo com as suas concepções pessoais, os autores puderam englobar aqui as personalidades psicopáticas, perversas, delinquentes e os casos graves de neurose de caráter. Parece que, no uso mais corrente, a expressão tende a ser reservada para as esquizofrenias que se apresentam com uma sintomatologia neurótica. (2001, p. 60, *itálicos desta autora*)

Situar a patologia no limite entre neurose e psicose já atribui um aspecto de indefinição, que se fortalece com a ideia de não possuir uma *significação nosográfica rigorosa* e refletir as incertezas do campo. Pode-se considerar esta definição um pouco conservadora, mas talvez esclareça o aspecto mais importante do adoecimento: não é possível determinar um modelo absoluto, e o limite que se estabelece aproxima sintomatologias distintas dentro de um mesmo quadro.

Neste quadro, podem aparecer personalidades psicopáticas, perversas, delinquentes e graves neuroses de caráter, portanto é preciso delinear quais elementos contribuem para o contexto deste trabalho.

Uchitel, falando sobre a neurose traumática, aponta que a psicopatologia contemporânea desafia a nosografia clássica em suas estruturas, cedendo espaço às “configurações multiformes, a quadros *borderline*, aos chamados estados-limites e a somatizações, que falam todos de contornos pouco precisos e de relações menos constantes” (2001, pg. 11). Em seu texto, ela mostra a importância de refletir sobre o trauma, buscando um novo enfoque que seja

capaz de esclarecer os quadros que não ocorrem a partir do conflito, mas do déficit: do desamparo, das falhas nos cuidados do mundo circundante, de irrupções que surpreendem e violentam, produzidas por catástrofes, terremotos, guerras, abusos sexuais ou qualquer outra vivência com igual eficácia traumática que coloque em risco a sobrevivência, física ou psíquica, do sujeito. (Uchitel, 2001, pg. 143)

Uchitel, ao abordar a neurose traumática para a compreensão do quadro em questão aponta para o déficit representacional.

No *Projeto*, a dor age como um trauma desorganizador; ela vai estabelecer um movimento compulsivo de escoamento, tendendo à descarga, impedindo novos trilhamentos. Desta forma, toda a possibilidade de representação caracterizada pela facilitação através de novos trilhamentos se reduz numa ação compulsiva sem significado.

Enquanto que a compulsão histérica (Freud, 1895, Capítulo II) se baseia nas representações superintensas, ocasionando liberações de afeto, inervações, impedimentos, ainda há uma ligação de coisas: novas representações foram ligadas maquiando as causas das representações hostis. Nestes casos houve um desvio, um deslocamento no trilhamento facilitado por novas associações, que leva a novas ideias. Essas ideias são representações simbólicas do objeto hostil, uma vez que

houve uma ligação alternativa entre elas. Então, no estado de afeto, a compulsão histérica se dá com a efetivação das células secretoras. Este processo vai causar a angústia do histérico. Portanto, a compulsão histérica, o medo ligado à viagem, por exemplo, nada mais é do que uma associação e facilitação para novos trilhamentos, desviando da ideia hostil inicial para outra ligada a ela, no momento da ocorrência da experiência.

As ideias hostis, por conta da repressão, foram, portanto, excluídas do processo de pensar. O Eu, munido de atenção, busca desviar o pensamento daquilo que é hostil. Mas as associações reaparecem, e daí o Eu se depara com outras representações hostis, maquiagens do objeto primevo pelo deslocamento da defesa, transformado em novos medos. O medo de viajar, substituindo o objeto hostil.

Esta repressão histérica, que ocorre com a formação de símbolo, pelo deslocamento para outros neurônios, difere no caso específico do paciente limite. Da neurose histérica é possível depreender que o mecanismo de deslocamento poderia explicar a defesa. Mas Freud salienta que, como visto na análise, na neurose de compulsão “há *repressão sem* formação de símbolo, pois ali repressão e substituição separam-se temporalmente. Assim, o processo de *repressão* permanece como núcleo do enigma” (1895, pg.64, *itálicos do autor*). Aqui, na neurose de compulsão não há um vínculo simbólico entre o objeto hostil e os novos trilhamentos, o que impede a construção de uma associação. As substituições são parte de um patrimônio construído no momento da experiência de dor. Por outro lado, a experiência do paciente limite foi restrita, pouco significada, o que sugere uma incapacidade de atualizar através de uma substituição. O momento de

substituição é outro, não traz significações possíveis, o que impede essa ligação para construção de um novo trilhamento.

Quando uma experiência de dor ocorre, como apontado anteriormente, a descarga reflexa aponta para um cessar da dor. Há uma construção de um processo de impedimento que se liga aos objetos causadores deste encerramento. No caso do bebê, é o objeto que traz esse conforto e saciação, que estarão ligadas ao cessar da experiência de dor. O patrimônio construído a partir das experiências repetidas de dor e de satisfação é dependente da relação com o cuidador. Este dará significados para cada momento de interação. Tanto a dor como a saciação carregam dados que proliferam na rede neuronal, junto à ação do outro.

Daí a possibilidade da associação das ideias hostis com os impedimentos através da linguagem. Pois é a própria linguagem que permite tais situações, ponto de partida da defesa e das associações com o grito.

As afecções nos casos limites são caracterizadas pelas lacunas de representação. Em alguns casos, os sujeitos buscam amalgamar esta falta através da compulsão. O uso constante de droga, bebida, compras, sexo, comida, jogo, etc., tende a preencher o vazio lacunar. Em outros casos, o vazio da representação é completado por algo ainda mais primitivo, corporal, substituído pelas marcas da psicossomática. Outra forma de representar o irrepresentável é através do pânico, a angústia sem nome, o mais primevo desamparo.

Se a ausência de representação pode ser preenchida pela compulsão, ou alienada no corpo, pode também representar um forte empobrecimento mental. É fato notório a observação da tendência à desorganização ou da ausência de associações entre os pacientes-limite.

Como na recordação do objeto hostil, o sujeito é impossibilitado de invocar a memória. Os trilhamentos tendem à maior facilitação, que é o caminho da dor, do trauma. É como se fosse um curto-circuito impossibilitando o funcionamento normal do aparelho psíquico, levando-o à descarga. A ação baseada no julgamento, na atenção, é impedida. Todo o processo de pensamento é impedido, e o sujeito passa para a ação, para o *acting out*.

Através da associação linguística, é possível reconstituir um caminho desviante da pura descarga, mas a busca dele, através da dor, exige um acesso muito mais primitivo. As representações de palavra são inexistentes, há lacunas de significado que requerem uma vivência primitiva, quase que puramente somática. O que se percebe é que a necessidade de amálgama para obturar o vazio de significado precisa ser repensada e revisada até se encontrar uma vivência e não uma palavra. Então, o vazio precisa ser construído, ganhar sentido, através da revivência da experiência de dor.

É justamente por essa falta de palavras que o *acting out* se concretiza. Por falta de significado passível de descarga através do pensamento e da consciência o Eu busca alternativas para a descarga. Ela se fará através da atuação, através do ato que não pode ser significado em palavras, trazido para a esfera linguística.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível pensar na experiência da escrita do *Projeto* como uma experiência organizadora. No momento da elaboração do *Projeto*, a angústia que certamente tomava Freud foi substituída pela intensa produção criadora. O resultado, embora engavetado, teve como consequência uma sucessão de trabalhos, dos quais o *Projeto* foi a base. Pode-se dizer que o *Projeto* funcionou como uma estrutura de alicerces inserida no subsolo de um edifício, o edifício teórico da psicanálise, a Metapsicologia, formando a sua fundação. Pensando assim, eliminar o *Projeto* do arcabouço teórico pode representar um prejuízo para a aquisição do conhecimento psicanalítico.

No capítulo 7 da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900), há uma adaptação dos conceitos apresentados no *Projeto*, expondo a formação do psiquismo apresentada de forma mais palatável. No entanto, algo se perdeu, ou não foi de todo inserido, pois não é possível apreender o elemento aqui exposto, presente no paciente-limite, que já se apresentava desde o início dos escritos de Freud.

Algo interessante se observa, pois mesmo com todos esses elementos presentes, a observação clínica foi ao encontro da teoria muito lentamente. Perversão e psicose, embora muito bem descritas e organizadas ao longo da teoria, não obtiveram espaço na terapêutica no consultório de Freud. Ele considerou a transferência como a base para a análise, mas não via possibilidade de seu estabelecimento com um paciente perverso ou psicótico. Hoje há formas de

compreender e de empreender a análise desses pacientes, abrindo o espaço para toda a abundância de formações psíquicas e seus tratamentos.

Dentro desse sortimento encontramos os pacientes-limite. Nos dias de hoje, eles encontram um espaço similar ao que as neuróticas receberam nos tempos de Freud. As não-neuroses são consideradas por alguns como resultante da síndrome do homem sem modelos de referência; por outros, como uma consequência do individualismo moderno. Independentemente dos motivos admissíveis para o reconhecimento da existência desse adoecer ter recebido atenção apenas nos dias de hoje, é preciso compreender que desde a origem da psicanálise, na descrição do aparelho psíquico freudiano, já se pode perceber o seu espaço.

Não é interesse desse trabalho propor que tudo o que se tem a dizer já foi dito, e alegar que os trabalhos dos teóricos que vieram depois de Freud não são importantes. Na realidade, é a partir das realizações teóricas posteriores que se pode desvendar e compreender a existência dos mais diversos modelos psíquicos e tratamentos viáveis. O que se faz aqui, nesta dissertação, é uma tentativa de encontrar na teoria do psiquismo freudiano descrições que venham ao encontro do que se percebe na diversidade humana.

De certa forma, Freud explica aqui a compulsão à repetição mostrando que a energia provinda do estímulo, quando não percorre uma cadeia associativa, ou seja, não faz conexões através dos trilamentos já constituídos, tenderá à imediata descarga. É o que ocorre com o estímulo intenso, causado pelo trauma, a dor, que por sua constituição não permite ampliações no patrimônio psíquico através de novas associações. Este processo é anterior ao princípio do prazer, anterior à

constituição de qualquer significado, uma vez que o princípio do prazer já requer o estabelecimento de um sentido.

A dor, pela sua intensidade, é registrada apenas no nível sensório, de percepção, sem tradução em signo para o registro inconsciente. É algo da ordem de um desprazer imenso pela falta de compreensão e de excesso de intensidade. A simbolização seria o processo necessário para o trabalho de compreensão. Mas nos casos de pacientes-limite, vemos uma característica importante de ausência de significação. Certamente há simbolismo no sentido geral; mas lacunas importantes de representação que se formam causam sentimentos de vazio, falta de sentido. Há lacunas, pontos de ausência de signos que não permitem que o paciente possa representar-se em seu mundo, e conseqüentemente, produzem um déficit de simbolização.

Na descrição do aparelho psíquico apresentada no *Projeto*, as experiências de satisfação vividas pelo bebê seriam, sobretudo, organizadoras. O caos de sensações provenientes de todas as terminações nervosas, associado com as necessidades internas, se apresenta de forma anárquica, à espera de uma instância central capaz de se construir organizadamente. As experiências são vividas de maneira a se repetirem, adquirindo sentido, e promovendo ligações de entramados de significados, cada vez mais prolíficos, constituindo uma experiência subjetiva única. No entanto, a primeira experiência de dor vai inaugurar a divisão psíquica. No momento da ocorrência de tal experiência, o psiquismo encontra um caminho facilitado para despejar as experiências sem sentido, ocasionando as lacunas de representação que farão parte do modelo observado no paciente-limite.

A repressão, que ocorre em consequência da inibição da condução pelo trilhamento que rememora o objeto hostil, supõe um patrimônio capaz de desviar deste caminho em busca do objeto de satisfação, para uma possível descarga. Neste caso, concebe-se que o aparelho esteja funcionando sob o princípio do prazer, ou seja, evitando o desprazer.

É o cuidador, que por sua capacidade de dar significados, poderá fornecer sentido a essa dor, e oferecer recursos de organização do psiquismo incipiente do *infans*, que, em sua desprovida capacidade, emerge em profundo desamparo.

A relação entre o bebê e o adulto vai responder à interação entre o mundo interno e o externo, criando referências para as vivências de prazer e desprazer, dor e satisfação, permitindo uma relação de qualidades que vai dar o contorno à vida humana.

Se a dor permite a insurgência do real no bebê, o prazer insere esperança, que possibilitam o nascimento do sujeito, conjugando experiências de dor e de satisfação, na criação de um mundo próprio, onde exista um Eu capaz de julgamento.

BIBLIOGRAFIA

BERLINCK, M. T. (org.) *Dor*. São Paulo: Escuta, 1999.

BLEICHMAR, S. *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

BOURGUIGNON, A.. *O conceito de renegação em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

CAROPRESO, F. *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

CORRÊA NETO, P. A. *Psicanálise dos casos limítrofes: conceituação e tratamento na clínica de hoje*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.

DELOUYA, D. (2001) *Depressão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

_____. *Depressão, estação psique: refúgio, espera, encontro*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 2002.

_____. Entre o corpo e o objeto. In: _____. *Torções na razão freudiana: especificidades e afinidades*. São Paulo: Unimarco Editora, 2005. p. 51-68.

FERRAZ, F. C. (2002) *Normopatia: sobreadaptação e pseudonormalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FIGUEIREDO, L. C. (1891). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

FREUD, S. (1891). *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70., s/d.

_____ (1895). *Projeto de uma psicologia*. Trad. Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1995.

_____ (1900). *Interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____ (1915). *Repressão*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____ (1915). *O inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____ (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____ (1932). *Novas conferências*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

FULGENCIO, L., SIMANKE, R. T. (org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

GARCIA-ROZA, L. A. (1984). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ (1991) *Introdução à metapsicologia freudiana. Vol. 2: A interpretação do sonho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____ (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana. Vol. 1: Sobre as afasias (1891); O projeto (1895)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GREEN, A. *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1990.

HEGENBERG, M. (2000) *Borderline*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

KNOBLOCH, F. *O tempo do traumático*. São Paulo: EDUC, 1998.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J-B. (1982). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEZZAN, R. (1982) *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

PRIBRAM, K, MERTON, G. (1976) *O projeto de Freud: um exame crítico*. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

SAFOUAN, M. *O fracasso do princípio do prazer*. São Paulo: Escuta, 2004.

SCHNEIDER, M. *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

UCHITEL, M. *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.